

Jornal de PSICOLOGIA

DIRECTOR: RUI A. GONÇALVES • PUBLICAÇÃO BIMESTRAL • ANO 6 • N.º 3 • PREÇO 150\$00 • MAI-JUN 1987

VOLUME

6

CONVERGÊNCIA ENTRE FREUD E PIAGET SEGUNDO DIVERSOS AUTORES

José Henrique Barros de Oliveira

PAGINA 3

PROCESSOS COGNITIVOS, TESTES DE CONHECIMENTOS E DIFERENÇAS INDIVIDUAIS

E. Mullet

PAGINA 10

OPINIÃO PÚBLICA E MIGRAÇÃO

Félix Neto

PAGINA 18

TOXICODEPENDÊNCIAS NAS ESCOLAS: ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO

Jorge Negreiros de Carvalho

PAGINA 25

CALENDÁRIO DE REUNIÕES CIENTÍFICAS, LEITURAS E OUTRAS SECÇÕES

PAGINA 28

EDITORIAL

"OS JOVENS LEÕES"

A Psicologia é uma ciência jovem. Em Portugal ainda o é mais. Os psicólogos portugueses são, na sua grande maioria, jovens que ainda não ultrapassaram a casa dos 30 anos ou que se situam no limiar dos 35. A eles se referiu recentemente uma professora universitária como sendo os «jovens leões» da psicologia portuguesa. Foi ao ouvir esse epíteto que me veio à ideia escrever este Editorial.

O leão é um animal nobre, dotado de alguma pachorra e vetusta sabedoria. Digere pacientemente o seu repasto, alongado na savana. Enquanto jovem é dado a brincadeiras e perseguição um estilo de vida comunitária e familiar. Ataca em grupo e mata apenas para subsistir.

Em Portugal, os jovens psicólogos assemelham-se em alguns aspectos a estes predadores enquanto que noutros diferem substancialmente. Habita-os uma certa lassidão que se confunde por vezes com ausência de iniciativa e pensar próprios. Preferem esperar que as coisas aconteçam do que precipitá-las. Parecem optar por acções individuais não se sentindo à vontade para congregarem esforços numa associação forte e coesa que os valorize cientificamente e profissionalmente (aqui, é portanto diferente dos felídeos). Lamentam-se enfim de que há dificuldades de emprego (que são efectivamente reais) mas raras vezes se esforçam, individual ou colectivamente, numa busca activa (por exemplo no Diário da República). A sua militância em associações científico-profissionais é escassa e esparsa, como aliás foi visível na Convenção da Associação Portuguesa de Licenciados em Psicologia que se desenrolou em meados de Março no Porto. Não falemos sequer de outras Associações de profissionais de Psicologia que embora mais antigas no tempo nem por isso fecundaram a terra de sementes robustas.

São todavia reais os desafios profissionais que se nos deparam, nomeadamente quanto ao Ministério da Justiça e ao do Trabalho. Antes de nos deixarmos invadir por colonizadores da Psicologia vindos de outros países (a integração na C.E.E. pode levar rapidamente a isso), tenhamos consciência que se aproxima um período sensível à Psicologia em muitas áreas da vida portuguesa. São horas de abandonar a sombra das acácias e ir caçar. Tal como os leões, não por prazer mas para ser e sobreviver.

Rui Abrunhosa Gonçalves

Jornal de PSICOLOGIA

ISSN: 0870-4783

DEPÓSITO LEGAL Nº 15557/87

DIRECTOR: Rui Abrunhosa Gonçalves

DIRECTORES ASSOCIADOS: Óscar Gonçalves e Miguel Cameira.

REDACÇÃO: Conceição Nogueira, Jorge Negreiros, José Fernando de Azevedo Cruz, Luísa Saavedra, Manuel Gada, Margarida Cabugueira Custódio dos Santos, Maria do Céu Taveira, Natália Ramos, Paulo Machado, Pedro Pinho e Telmo Baptista.

COLABORADORES: Leandro Almeida (Porto); Aires Gameiro (Lisboa); Albano Estrela (Lisboa); Amaral Dias (Coimbra); Anna Bonboir (Louvain - Bélgica); Bárto Campes (Porto); Bartha Lajos (Budapest - Hungria); Bracinha Vieira (Lisboa); Brigitte Cardoso e Cunha (Porto); António Simões e Aura Montenegro (Coimbra); G. R. Skanes (Newfoundland - Canadá); Georges Meuris (Louvain - Bélgica); Gerardo Marin (San Francisco - EUA); Gunnar Kylvén (Estocolmo - Suécia); Hakan Brokstedt (Estocolmo - Suécia); Harlan Hansen (Minnesota - EUA); Isolina Borges e J. Bairão Ruivo (Porto); Klaus Helkama (Helsinki - Finlândia); Leonard Goodstein (Washington, D.C. - EUA); Lois Thies Sprinthall (North Carolina - EUA); E. Mullet (Paris - França); Maurice Reuchlin (Paris - França); Nicolau Raposo (Coimbra); Norman Sprinthall (North Carolina - EUA); Patrícia Fontes (Irlanda); Peter Merenda (Rhode Island - EUA); Luís Alberto Guerreiro (New Jersey - EUA).

SUBSIDIADO POR: Fundação Eng.º António de Almeida
Fundação Calouste Gulbenkian
Governo Civil do Porto
Pelouro da Cultura da C. M. Porto

ASSINATURA ANUAL: Portugal — Pessoa: 600\$00; Instituições: 1000\$00; Países de expressão portuguesa (Brasil e África) — U.S. \$6; U.S. — \$9; Europa — U.S. \$8; U.S. — \$11; Outros Países — U.S. \$11; U.S. — \$15; Preço avulso: 150\$00; Números atrasados: 100\$00.

FOTOCOMPOSTO E IMPRESSO: GRÁFICA CLARET, R. do Padrão, 83 - 4415 Carvalhos — Telef. 7822603

PROPRIETÁRIO: Grupo de Estudos e Reflexão em Psicologia, R. das Taipas, 76 — 4000 Porto

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE: "JORNAL DE PSICOLOGIA", Rua das Taipas, 76 — 4000 Porto

DISTRIBUIDORA: CDL — Av. Santos Dumont, 57-2.º — 1000 Lisboa. Tel. 769744; R. Miguel Bombarda, 578 — 4000 Porto. Tel. 693908; R. Rosa Falcão, 9 — 3000 Coimbra. Tel. 29455.

TIRAGEM: 3000 exemplares.

LIVROS E PUBLICAÇÕES: Faremos referência a livros e outras publicações de que nos sejam enviados exemplares.

Desejamos estabelecer intercâmbio com outras publicações.
Nous souhaitons établir échange avec d'autres publications.
We wish to establish exchange with other publications.

INDEXADO EM: Psychological Abstracts; Ulrich's Directory.

SUBSCRIPTIONS RATES:

	Brasil/África	Europe	All others
Individual	US \$6	US \$8	US \$11
Institutions	US \$9	US \$11	US \$15

BACK ISSUES AND BACK VOLUMES: Write to: Jornal de Psicologia, R. das Taipas, 76 — 4000 Porto, Portugal.

O JORNAL DE PSICOLOGIA é uma publicação destinada à divulgação e discussão de temas e assuntos nos diferentes domínios da Psicologia e ciências afins. O seu principal objectivo consiste em encorajar e facilitar o desenvolvimento da Psicologia em Portugal, contribuindo assim para o seu avanço como ciência, como profissão e como um meio de promover o bem estar humano.

O conteúdo do JORNAL DE PSICOLOGIA abrange diferentes áreas e domínios. Para além de artigos e estudos de carácter teórico, revisões da literatura, documentos e artigos de discussão de práticas inovadoras, regularmente aparecem secções especiais. Uma secção de "Opinião" é dedicada à discussão de aspectos actuais relacionados com a prática da Psicologia, críticas, réplicas ou pequenos artigos apresentando ideias e/ou perspectivas de carácter inovador. Além disso, a secção "Entrevista com..." visa apresentar as ideias, o trabalho e o contributo, para o desenvolvimento da Psicologia, de especialistas nacionais e estrangeiros. Secções especiais são também dedicadas a revisões e comentários a livros e outras publicações, bem como a informações de carácter geral e a notícias sobre reuniões científicas nacionais e internacionais.

CONVERGÊNCIA ENTRE FREUD E PIAGET SEGUNDO DIVERSOS AUTORES

JOSÉ HENRIQUE BARROS DE OLIVEIRA (*)

UNIVERSIDADE DO PORTO

Propomo-nos sintetizar o pensamento dos principais autores que tentaram analisar os pontos de convergência e divergência entre Freud e Piaget ou entre a psicanálise e a psicologia genética, em ordem a uma maior compreensão da psicologia do desenvolvimento, designadamente da epistemologia genética.

Os autores incidem particularmente em três pontos de contacto: afectividade e inteligência, relação objectal e objecto permanente, simbolização e representação, embora sejam abordados também outros aspectos.

Pelo geral, os autores acreditam na possibilidade de convergência e complementaridade entre as duas teorias, e é também esse o nosso pensar.

Em artigo anterior Oliveira (1987) procurámos sintetizar o pensamento de Piaget nas diversas alusões que faz à teoria de Freud, concluindo que se tratam de dois sistemas convergentes e complementares. Vejamos agora o que pensam outros autores sobre o mesmo assunto, dedicando particular atenção à relação entre afectividade e inteligência e entre a relação objectal e o objecto permanente.

D. Rapaport (1969) tentou dar um estatuto científico à psicanálise e foi um dos autores que mais acreditou na conciliação entre as teorias freudiana e piagetiana. Segundo ele, o sistema de Piaget viria confirmar as hipóteses de Hartmann e outros teóricos da *Ego Psychology* de que o ego tem fontes de energia diferentes das cargas pulsionais. Com a epistemologia genética, a psicanálise encontrou-se pela primeira vez confrontada com uma ampla teoria genética, confronto que se viria a mostrar produtivo (Rapaport, 1969).

Porém, segundo Ajuriaguerra (1977), a tentativa de conciliação de Rapaport não surtiu efeito, dado que a sua reflexão se manteve do ponto de vista psicanalítico, sem chegar propriamente a uma confirmação ou invalidação da teoria piagetiana. Freud e Piaget, e bem assim Wallon, construíram teorias complementares, com formulações que por vezes se aproximam, mas na maior parte das vezes se opõem, e daí ser difícil a conciliação. Cada um destes grandes autores aporta alguma ideia fundamental. Tentar a todo o custo um compromisso eclético poderia esvaziá-los de significado próprio (Ajuriaguerra, 1977).

M. Huteau (1985) vê também dificuldades na tentativa de harmonizar Freud e Piaget. Este, apesar de não admitir condutas exclusivamente intelectuais ou afectivas, dá primazia à evolução intelectual que acaba por condicionar a dimensão afectiva. Daí Huteau compreender o juízo de A. Freud de que a diferença entre a psicanálise e a psicologia genética se manifesta "sobre quase todos os aspectos" (1). Apesar disso, Huteau insiste na coordenação da psicologia dinâmica com a psicologia cognitiva da personalidade, o que levará a uma transformação profunda de ambas as posições.

Houve autores, dentro da corrente psicanalítica, que realçaram a importância das variáveis cognitivas, existindo mesmo uma obra de Bieber intitulada *Psicanálise cognitiva* (cit. por Huteau, 1985). Murray e Cattel (cit. por Huteau, 1985), e bem assim os autores da *Ego Psychology*, põem em relevo diversas variáveis cognitivas da personalidade, o mesmo acontecendo com as correntes fenomenológico-humanistas, como Rogers, que realça a importância da "imagem de si mesmo". Porém, o conceito de

"representação" não é unívoco entre os autores, sendo mesmo um dos pontos fracos da teoria psicanalítica. A representação mental de Piaget e a imagem alucinatória ou fantasmática da psicanálise também diferem; para Piaget, a imagem mental só aparece no segundo ano, enquanto os fantasmas do desejo, segundo muitos psicanalistas, surgem muito mais cedo, constituindo uma etapa indispensável na génese da imagem no sentido piagetiano.

Para além da relação entre os aspectos cognitivos e afectivo-motivacionais da personalidade, os autores debruçam-se sobre os mais diversos pontos de contacto ou de divergência entre as teorias freudiana e piagetiana, designadamente sobre os aspectos evolutivos, e mais em particular sobre a evolução do processo cognitivo. Apresentamos de seguida alguns autores mais representativos por ordem cronológica.

Complementaridade das funções afectivo-cognitivas

R. de Saussure foi o primeiro a tentar a aproximação entre Freud e Piaget numa Comunicação intitulada *Psychologie génétique et Psychanalyse* (1933)(2). Segundo ele, Freud não apenas se fixou no conteúdo do pensamento, como procurou igualmente descrever "certos mecanismos de estrutura", por exemplo, os processos de identificação, de projecção, de investimento afectivo e de simbolização. Saussure detém-se na análise do conceito freudiano e piagetiano de símbolo. As ideias de Piaget sobre o símbolo passaram despercebidas dos psicanalistas. Entretanto, embora os dois mestres discordem em diversos pontos, Saussure pensa que os métodos psicanalítico e genético são complementares na interpretação dos diversos fenómenos psíquicos, a começar pela origem e desenvolvimento do pensamento, fixando-se a psicanálise mais nas causas da inibição ou perturbação da sua evolução e a epistemologia genética nos processos do seu desenvolvimento normal.

Também Ana Freud abordou o problema da relação Freud-Piaget, intitulando um artigo precisamente *La contribution de la Psychanalyse à la Psychologie génétique* (1976)(3). Bem cedo a psicanálise foi aplicada a outros campos, com "consequências revolucionárias", como ao campo da educação e também à psicologia "académica". Efectivamente, segundo A. Freud existe uma "basta região fronteiriça" entre a psicanálise e a psicologia, e embora a primeira use mais a "investigação activa" (*action research*) e a psicologia a "investigação pura", além de outras diferenças, é possível e fecunda a convergência. A teoria freudiana pode servir grandemente a psicologia do desenvolvimento e outros ramos da psicologia. Por isso, a "zona fronteiriça" entre as duas ciências pode alargar-se mais, e a observação directa da criança servir como ponto de encontro entre a investigação psicanalítica e a investigação psicológica.

(*) Assistente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação — Universidade do Porto. Correspondência sobre este artigo deverá ser enviada para: Rua das Taipas, 76, 4000, Porto — Portugal.



M. Gressot, num extenso e valioso artigo intitulado *Psychanalyse et Connaissance* (1956) aborda a relação entre a psicanálise e a psicologia genética, insistindo particularmente na epistemologia. A questão é de saber se a inteligência é uma resultante automática do "prazer perceptivo" (*Wahrnehmungslust*), de que fala Freud, e uma formação epifenoménica determinada passivamente pela pulsão instintiva e pelas exigências da realidade ou, pelo contrário, constitui uma actividade "sui generis", parcialmente independente. Gressot expõe longamente a epistemologia genética piagetiana em confronto com a dinâmica pulsional e afectiva freudiana. A observação directa da criança aproximaria melhor as duas correntes. Em todo o caso, a teoria epistemológica de Piaget, impõe à ciência analítica uma tarefa crítica epistemológica que lhe pode ser benéfica.

Um dos autores mais representativos na tentativa de aproximação entre Freud e Piaget é E. Anthony. Em artigo intitulado *Six applications de la théorie génétique de Piaget à la théorie et à la pratique psychodynamique* (1956) considera a teoria de Piaget a única teoria, para além da psicanalítica, digna de "séria atenção". Porém, seria erróneo tentar fundir eclecticamente os dois sistemas, pois "tais casamentos não satisfazem nenhuma das partes". Passando às diversas aplicações da teoria genética à psicanálise, Anthony compara em primeiro lugar a noção de objecto com a relação objectal na psicanálise, diversamente interpretada por A. Freud e M. Klein quanto à sua génese. A teoria de Piaget favorece a versão mais ortodoxa da psicanálise. A segunda aplicação diz respeito à significação da noção de objecto em relação ao desenvolvimento da angústia de separação resultante da perda de objecto. Embora vários autores psicanalistas atribuam emoções específicas ao bebé mesmo no acto de nascer, Piaget pensa que para que a criança sinta a perda de um objecto (a mãe) é necessário que esse objecto exista realmente no tempo e no espaço da criança. Noutra aplicação da teoria de Piaget à psicanálise, Anthony estuda a regressão da noção de objecto na criança psicótica, concluindo que elas reproduzem ao contrário os estádios de desenvolvimento do objecto descritos por Piaget. Anthony faz ainda outros confrontos entre os dois grandes autores: desenvolvimento intelectual e emocional (Piaget insiste fundamentalmente no primeiro e Freud no segundo); desenvolvimento moral e aparecimento do superego (a passagem da heteronomia à autonomia moral, coincidiria com a passagem do domínio do superego para o domínio do ego); significação dos sintomas (para Piaget os sintomas podem ser normais e dever-se a um deficiente controlo intelectual da realidade, enquanto que para Freud são interpretados patologicamente).

Anthony publicou outro artigo em 1957 sobre Piaget e Freud onde se mostra convencido que Piaget é mais útil a Freud que vice-versa, embora os dois sistemas sejam "excelentes" e susceptíveis de se enriquecerem mutuamente. Anthony pensa que no sistema piagetiano se morre de fome de afecto (*affect hunger*) por se tratar de uma "psicologia sem emoção", como a de Freud é uma "psicologia sem inteligência", mas mais tarde retrata-se desta acusação. Piaget desde cedo se vai distanciando da psicanálise interpretando diferentemente o animismo, criticando Freud de não ser suficientemente geneticista, apesar das aparências, de descuidar do problema da inteligência, etc. Anthony deixa-se conquistar por Piaget e via com bons olhos uma linguagem universal psicológica fornecida pela gramática piagetiana.

Em artigo posterior sobre *As emoções e a Inteligência* (1979), Anthony retira a acusação feita a Piaget de "psicologia sem emoção" afirmando que ele se tem interessado pela relação entre as emoções e a inteligência mais do que qualquer outro psicólogo, embora à primeira vista ressalte a "omnipotência da cognição" ao longo das suas obras. Contudo, Piaget preocupa-se em analisar a relação entre inteligência e afectividade. Se passou meio século a "perseguir" a inteligência, seria necessário outro tanto tempo para compreender os mecanismos afectivos. Ele não se

comprometeu sobre a natureza da emoção, limitando-se a indicar que as suas descobertas sobre os processos cognitivos poderiam ser aplicados à compreensão do sistema afectivo. Entretanto, insiste na complementaridade e indissolubilidade entre os dois processos, considerando-os como os dois lados da mesma moeda, embora a metade emocional quase não passe de um espectro na psicologia piagetiana.

Para Piaget a emoção tem um sentido positivo. O bebé em Piaget parece enamorado do mundo, excitado de curiosidade, de surpresa e de prazer, num misto de cognição e de afectividade. A emotividade integra-se num sistema interaccional e operacional, como a actividade intelectual e, tal como este sistema, é servido pelas funções invariantes da assimilação e da acomodação em busca do equilíbrio. A estrutura afectiva segue a intelectual no seu desenvolvimento, em inter-relação constante ao longo dos diversos períodos, a começar pelo período sensorio-motor. O próprio Piaget sugeriu que o primeiro objecto permanente é a pessoa humana. A certa altura, Piaget trata mesmo os processos cognitivos como os afectivos, falando de um "inconsciente cognitivo" à imagem do "inconsciente afectivo", impressionado pelo dito de Binet de que "o pensamento é uma actividade inconsciente da mente" (1979, p. 78). Daí ter o recalamento cognitivo um papel inibidor semelhante ao recalamento afectivo e poder dar-se regressões ao inconsciente intelectual; é legítimo falar ainda de "complexo intelectual" e de "catarsis" a partir da cognição e da recordação. Todavia, são necessários mais estudos empíricos sobre a natureza e desenvolvimento afectivo e sua integração num sistema global afectivo-cognitivo. Não é suficiente afirmar — conclui Anthony — que a inteligência e as emoções são duas faces da mesma moeda, mas "é necessário que se diga muito mais sobre a moeda em questão" (p. 81).

O ano de 1956 foi fértil em publicações sobre a relação Freud-Piaget. Além do artigo de A. Freud, de Gressot e de Anthony, aos quais já fizemos referência, encontramos ainda um artigo de B. Inhelder, que além de ser coautora com Piaget do livro *La Psychologie de l'Enfant*, onde é abordada a relação inteligência-afectiva, escreveu também um artigo dedicado expressamente ao confronto afectivo-cognitivo do ponto de vista desenvolvimental — *Die affektive und kognitive Entwicklung des Kindes* (1956). A autora começa por colocar três hipóteses na relação entre a afectividade e a inteligência no desenvolvimento da criança: 1) o desenvolvimento cognitivo determina o desenvolvimento afectivo; 2) o desenvolvimento afectivo determina o cognitivo; 3) o sentimento e o conhecimento são dois aspectos complementares do desenvolvimento psíquico, formando sempre uma indissolúvel unidade. Para a autora, só a terceira hipótese é válida.

Afirmada a unidade e complementaridade das funções afectivo-cognitivas, Inhelder procura traçar as etapas do desenvolvimento psicológico da criança através de quatro eixos principais: a "escolha do objecto", a tomada de consciência de si mesmo, a autonomia nascente, e a conquista da personalidade. Confrontando a teoria e método analítico de Freud com a teoria e método genético de Piaget, a autora demonstra que ambos obedecem a leis comuns. O progresso de uma etapa à outra parece resultar duma elaboração activa conduzida pelo sujeito que assim contribui tanto para a formação da sua personalidade como para o seu enriquecimento intelectual.

P. H. Wolff publicou uma monografia intitulada *The developmental Psychologies of Jean Piaget and Psychoanalysis* (1960) onde tanta lançar as bases para a comparação das teorias piagetiana e freudiana, começando por dar uma visão da epistemologia genética.

Piaget definiu essencialmente a inteligência como "uma adaptação" do organismo ao meio, em contínua interacção, através duma progressiva diferenciação e integração dos mecanismos reflexos inatos, sob o impacto da experiência. Ele esforça-se por

formular uma teoria do conhecimento com base biológica, podendo afirmar-se que, no seu conjunto, a teoria piagetiana é mais uma teoria do conhecimento que uma teoria do desenvolvimento. Porém, a sua perspectiva epistemológica é genética, permitindo assim uma comparação com a teoria psicanalítica, embora os métodos de investigação sejam diferentes, se bem que também Piaget usasse o método "clínico" e Freud tenha alvitado em *Três ensaios para uma teoria sexual* a cooperação ou "acção conjunta" do método da observação directa da criança com o método retrospectivo psicanalítico do adulto para a compreensão da infância. Apesar das diferenças nos métodos, conceitos, objecto e objectivos, os dois sistemas podem completar-se mutuamente para uma melhor compreensão do processo desenvolvimental. Cada um preenchendo as lacunas do outro. Muitos problemas levantados, mas não resolvidos por Freud, podem encontrar solução através da observação e experimentação praticadas por Piaget. Mas a teoria piagetiana também muito se pode enriquecer com os conceitos freudianos. As duas correntes de interpretação do desenvolvimento humano e em particular da origem e desenvolvimento epistemológico, não são incompatíveis e, pelo menos em alguns pontos, mostram-se convergentes.

Relação objectal e objecto permanente

Certamente o autor que melhor estudou do ponto de vista experimental a relação entre as teorias de Freud e Piaget, nomeadamente quanto à relação objectal freudiana e a noção de objecto piagetiano, foi T. Gouin-Décarie (1973), num livro cuja 1.^a ed. data de 1962 e é prefaciado pelo próprio Piaget. O objectivo de Gouin Décarie é tentar estabelecer as conexões entre o que os psicanalistas chamam de "relações objectais" e as etapas do desenvolvimento do esquema de objecto permanente segundo Piaget. No fundo, trata-se de estudar empiricamente a relação entre a afectividade e a inteligência, problema nevrálgico no domínio da psicologia genética. Se inicialmente a psicanálise pouco se preocupou com os aspectos cognitivos do desenvolvimento humano, nas últimas décadas a situação mudou, sobretudo com a "Psicologia do ego" e com autores como Hartmann, Rapaport, Anthony, Bowlby, etc. que se preocuparam grandemente com os problemas epistemológicos. Por outro lado, também Piaget, Inhelder e outros teóricos da psicologia genética, estudaram as relações entre a afectividade e a inteligência. Admitindo que a teoria piagetiana é a mais coerente e fundada empiricamente quanto à evolução da inteligência e, por outro lado, tomando a sério a teoria psicanalítica no tocante ao desenvolvimento afectivo, é justo tentar aproximar os dois sistemas, particularmente quanto às origens do objecto cognitivo e do objecto libidinal, pontos importantes de ambas as teorias.

Mais especificamente, a autora propõe-se pôr em correspondência a evolução da noção de objecto e de relação objectal durante os dois primeiros anos, e isto num quadro experimental. Segundo ela, a resposta de Piaget permanece "teórica" (Piaget tinha reagido a esta "acusação" no Prefácio), apesar de conter observações rigorosas e sistemáticas. Gouin-Décarie propõe-se verificar experimentalmente estas hipóteses, usando 90 sujeitos (Piaget tinha usado apenas 3), apesar de reconhecer que a sua investigação não é a última palavra e que coloca novos problemas quanto à génese e relação entre a inteligência e a afectividade. Parte da hipótese que resume assim: "existe uma relação entre o desenvolvimento da noção de objecto, segundo a teoria de Jean Piaget, e a evolução da relação objectal, como é descrita pela teoria psicanalítica contemporânea" (1973, p. 135). Depois de proceder à investigação com os instrumentos que se tinha prefixado, conclui que os dados de Piaget baseados na observação dos filhos se verificaram numa amostra maior: nenhum dos sujeitos teve êxito num estádio considerado mais avançado ou fracassou num estádio antecedente, assistindo-se ao mesmo rigor no interior de cada estádio. O mesmo não se verificou com as teses psi-

canalíticas onde não havia lógica entre os estádios nem no interior de cada um deles, embora a dificuldade em construir escalas e itens rigorosos possa também ter contribuído para este insucesso.

Abordando as conclusões, Décarie começa por citar um texto de Rapaport afirmando que a psicanálise se encontra confrontada com as teses piagetianas e que essa confrontação só pode ser fecunda (1973, p. 183). A experimentação demonstrou a existência de um laço estreito entre o desenvolvimento intelectual e o afectivo, e este paralelo é de ordem genética. Porém, a sequência imutável dos estádios de Piaget não se verifica do mesmo modo nas etapas afectivas e a ausência de irreversibilidade dos índices objectais não permite correspondências rigorosas entre os estádios piagetianos e as fases psicanalíticas. Mas é verdade que as objecções de Piaget à psicanálise baseado nas primeiras teses de Freud sobre a evolução psico-sexual, perdem em grande parte valor se confrontadas com as teses da psicanálise contemporânea sobre a relação objectal e que se podem coadunar muito melhor com as teses da escola de Genebra. Contudo, Décarie não quer deixar ao leitor a impressão que a sua investigação termina com um "matrimónio" entre as grandes hipóteses psicanalíticas e certos dados da escola genebrina; existem realmente entre os dois sistemas oposições, mesmo contradições, sendo uma das fundamentais no respeitante à génese da representação.

Para Piaget, a representação é inexistente no início da vida, para aparecer ao longo dos primeiros 18 meses, tornando-se pelos 2 anos o modo habitual de pensar. Todavia, nem sempre é fácil definir o que Piaget entende por representação, pois ele também vacila neste conceito. Quanto à teoria psicanalítica clássica (para Décarie as teses kleinianas são absolutamente irreconciliáveis com a teoria piagetiana), a existência ou não da imagem mental no início da vida não constitui um verdadeiro problema, pelo menos primário, além de haver divergência entre os diversos autores quanto à natureza e aparecimento da imagem mental. Em todo o caso, os psicanalistas sempre fazem aparecer as imagens alucinatórias, na base do pensamento, antes de Piaget que só coloca a representação, mesmo a mais primitiva, cerca dos 8-10 meses, sendo a criança incapaz de representação propriamente dita antes dos 16-20 meses. Antes desse período é também incapaz de jogo simbólico e de imitar um modelo interno, e ainda de imaginação em sentido estrito. Segundo a psicanálise, ao contrário, a criança é capaz de verdadeira representação já pelos 3 a 6 meses, e os elementos simbólicos são adquiridos desde esta fase, sendo também capaz, antes dos 12 meses, de imitar um modelo interno (identificação), possuindo já um universo de fantasias.

Douin-Décarie confessa que não conseguiu abolir as divergências teóricas entre os dois grandes gigantes da psicologia do desenvolvimento mas que, por outro lado, como afirma M. Gilson, "um bom desacordo vale mais que um aparente entendimento na confusão" (1973, p. 202). Ao menos pode concluir-se sobre a plausibilidade das hipóteses de Piaget, não só quanto ao problema da génese da representação, mas também no que concerne à formação da noção de objecto em geral. Ao contrário, as hipóteses psicanalíticas sobre a origem da representação precisavam de ser reformuladas, enquanto as hipóteses mais gerais que subentendem a teoria psicanalítica da relação objectal foram em grande parte confirmadas. Uma última conclusão que se impõe é a necessidade de ter em conta os processos cognitivos no estudo dos fenómenos afectivos e as modalidades afectivas no estudo dos fenómenos intelectivos, pois estes dois aspectos da personalidade são inseparáveis.

W. G. Coblinier, num apêndice para o livro de R. Spitz (1965) — *The first year of life* — intitulado na versão francesa *L'école genevoise de psychologie génétique et la psychanalyse: analogies et dissemblances* (1968), afirma que a psicologia genética de Piaget é, juntamente com a psicanálise, a única psicologia do desenvolvimento coerente. Piaget afirma que a tarefa principal do

psiquismo é assegurar a adaptação do indivíduo, função que no modelo psicanalítico pertence ao ego. Piaget compreende o desenvolvimento psíquico em termos de esquemas ou de estruturas mentais, de qualquer modo correspondentes aos "complexos" afectivos realçados pela psicanálise, donde parece deduzir-se a influência deste constructo psicanalítico e ainda da pulsão instintiva na elaboração do conceito de esquema. O mesmo já não se pode dizer sobre os mecanismos de assimilação e acomodação que não encontram paralelo na psicanálise, embora os conceitos de mudanças autoplásticas e aloplásticas concebidas por Freud e Ferenczi estejam próximas dos conceitos de assimilação e acomodação, denotando que os psicanalistas estavam conscientes da importância deste conceito.

Cobliner estuda particularmente a origem e desenvolvimento do objecto permanente segundo Piaget confrontando-o com a origem do objecto libidinal da psicanálise, procurando aproximar as duas teorias em ordem a uma maior compreensão da génese da inteligência da criança, dependente da sua relação com o meio-objects, e particularmente pessoas (mãe). A psicanálise é indispensável para uma melhor compreensão da inteligência nascente, intimamente relacionada quer com os traços mnemónicos primitivos, quer ainda com a sua capacidade motivacional e volitiva e com a maior ou menor resistência à frustração. O elemento afectivo e conativo não pode ser transcurado, e é realçado pela psicanálise, enquanto Piaget se centra quase que exclusivamente no desenvolvimento cognitivo. O problema é saber se é a cognição que determina a volição ou vice-versa. Provavelmente há uma interferência mútua e não é possível compreender totalmente a origem da noção de objecto e da sua permanência sem fazer referência à motivação e frustração, nem compreender a génese e evolução do objecto libidinal sem atenção aos mecanismos que levam progressivamente à noção de objecto e à sua permanência. Interessa a permanência afectivo-cognitiva do objecto. Cobliner termina afirmando que o sistema de Freud é mais completo que o de Piaget, pois inclui as esferas psíquicas situadas para além do consciente e do funcionamento normal, tentando igualmente interpretar os processos anormais ou as anomalias do pensamento.

Interaccionismo e inter-relacionismo

O notável livro de Tran-Thong (1981), publicado em 1967, é uma boa síntese de Freud e Piaget (e também de Wallon e Gesell), tentando além disso aproximar as diferentes teorias. Depois de seguir Piaget na sua interpretação sobre o freudismo, Tran-Thong permite-se discordar do modo como Piaget explica a relação entre a afectividade e a inteligência. Efectivamente, se a afectividade não passa duma energética da conduta, não se vê como possa organizar-se em estruturas de sentimentos e de valores; se, por outro lado, tem capacidade estruturante, tira esse monopólio à actividade intelectual, o que contradiz de certo modo outras afirmações de Piaget. A afectividade acaba por se ver subordinada à evolução intelectual, assistindo-se a uma certa intelectualização da afectividade, embora Piaget procure evitar este escolho. Mas na sua concepção de estádios, diferente de Freud, acaba praticamente por integrar os estádios psicanalíticos na sua teoria, sem admitir ritmos diferentes no desenvolvimento afectivo e intelectual.

A. Haynal (1969) analisa longamente os autores que antes dele tentaram lançar pontes entre Freud e Piaget, particularmente quanto à relação entre objecto permanente e relação objectal. Dá realce a autores, como Rapaport, que tentaram dar um estatuto mais científico à psicanálise e acredita na possibilidade de fazer convergir numa única psicologia genética a teoria psicanalítica e piagetiana.

S. Lebovici e M. Soulé (1972), no seu valioso livro, cujo original data de 1970, abordam também a relação entre Freud e Piaget, fixando-se particularmente no contributo de Cobliner e na sua tentativa de conciliação entre os dois grandes teóricos do de-

seenvolvimento. Mas os autores pensam que se trata por vezes de "assimilações e analogias relativamente forçadas", julgando antes que as teses piagetianas podem auxiliar os psicanalistas a compreender certos factos clínicos, enquanto que a psicanálise pode, por sua vez, contribuir para o estudo da evolução do pensamento.

Talvez a tentativa teórica mais séria para confrontar Freud e Piaget, particularmente na relação entre afectividade e inteligência, seja o livro de J. M. Dolle (1979), cujo original data de 1977. No Prefácio de C. Jesuino, intitulado significativamente *Para uma epistemologia da afectividade* o livro de Dolle é considerado "uma primeira tentativa de constituição duma epistemologia da afectividade", admitindo, ao contrário de Piaget, estruturas afectivas semelhantes e paralelas às estruturas cognitivas. A afectividade é geneticamente anterior à inteligência e usa a lógica da contradição, da ambivalência, enquanto a lógica da inteligência é uma lógica da não-contradição. O processo de desenvolvimento oscila entre estas duas lógicas, embora Dolle acabe por privilegiar as estruturas cognitivas, como reconhece no Pós-fácio.

Dolle (1979) tenta uma "aproximação genética que mostraria como e segundo que processos a afectividade e a inteligência se geram e se articulam uma com a outra" (p. 20). Está em causa uma tentativa de integração das duas correntes. Se geneticamente a afectividade parece constituir-se antes da inteligência, na realidade as estruturas afectivas são simultaneamente cognitivas. Daí a necessidade de articular dialecticamente afectividade-inteligência num eixo ao mesmo tempo sincrónico-diacrónico, em alternância da tensão (arsis) com a distinção (thesis).

Dolle fala de interaccionismo e inter-relacionismo, sendo o primeiro de relação Sujeito-Objecto (S-O), e mais comandado pela inteligência, e o segundo de relação Sujeito-Sujeito (S-S), dominado pela afectividade. Podemos compreender o interaccionismo como dialéctica constante entre assimilação-acomodação ou sincronia-diacronia em busca de um equilíbrio contínuo através da adaptação, num sistema circular aberto. Por seu lado, o inter-relacionismo acentua mais o lado afectivo-libidinal. Segundo o autor, "as estruturas da afectividade constituem um momento das estruturas da relação com o mundo, através da relação com as pessoas, anterior às estruturas da relação com os objectos" (p. 30). Em perspectiva diacrónica ou genética, as estruturas da afectividade precedem as da inteligência, mas na perspectiva sincrónica ambas as dimensões são apenas duas maneiras de exprimir as estruturas adaptativas. Em toda a actividade há um aspecto afectivo e outro cognitivo ou inteligente. O inter-relacionismo poderia integrar-se no interaccionismo, mas este comporta um quadro demasiado geral para explicar as relações entre as pessoas. Porém, os dois vectores não se excluem, antes se complementam. Há sempre algo de cognitivo na relação S-S e de afectivo na relação S-O.

O construtivismo piagetiano é compatível com a psicanálise desde que se alargue os quadros de um e de outro, integrando-os numa teoria mais ampla. O sujeito não é por um lado afectivo e por outro cognitivo, mas ambas as coisas ao mesmo tempo, com predominância de um ou outro aspecto conforme os casos e salvaguardada a sua especificidade, mas sem detrimento da unidade e complementaridade, porque em todo o acto inteligente se encontra a afectividade e vice-versa. Daí a necessidade de uma visão sinóptica da realidade afectivo-intelectual e das teorias freudiano-piagetianas. A afectividade é já um modo de conhecimento e a sua estruturação precede a estruturação cognitiva, ao contrário do que afirma Piaget, onde os esquemas intelectuais precedem a estruturação afectiva. Segundo Dolle, até aos 8/9 meses não há propriamente distinção entre afectividade e inteligência; a partir dos 8 meses a afectividade predomina, e cerca dos 18 meses dá-se o domínio da inteligência. Pode afirmar-se igualmente que no período pré-operatório a afectividade predomina sobre a inteligência e no período operatório passa a dominar a inteligência.

A edição portuguesa termina com o Pós-fácio do autor dando conta da sua evolução, embora atribua ainda carácter provisório a esta sua actualização. Na verdade há pontos confusos na sua teoria, como quando afirma que a afectividade é ao mesmo tempo energética e estrutura, talvez porque é difícil definir afectividade, acabando por dizer que quando falamos dela "não se sabe exactamente de que é que se está a falar" (p. 107). Admite ainda que se centrou em demasia na diacronia, subordinando Freud a Piaget, a afectividade à inteligência, o que o distanciou dos objectivos propostos. Também não se deve pensar que a psicologia se resume à dialéctica da afectividade e da inteligência. Além do sujeito afectivo e epistémico, existe o sujeito biofisiológico e o sujeito social. "A psicologia situa-se entre a biologia e a sociologia" (p. 129).

Apesar das limitações da obra de Dolle, não se pode negar a sua aportação sobre a dialéctica entre a afectividade e a inteligência, realçando a importância daquela e a alternância ou dominância de um dos factores conforme as circunstâncias e a idade, tudo em ritmia entre diacronia-sincronia, actualização-potencialização, contínuo-descontínuo, tensão-distensão, e ainda entre interaccionismo e inter-relacionismo, entre o sujeito e o objecto.

M. Pinol-Douriez (1979) procura também confrontar as estruturas mentais freudianas com a teoria piagetiana sobre a génese das estruturas operatórias. A autora faz realçar as divergências teóricas e metodológicas entre os dois autores, mas nota o interesse heurístico de tal confrontação, por exemplo quanto à origem e desenvolvimento das representações. Se para Piaget a representação é a extensão da actividade pensante aos objectos ausentes, Freud pensa que é a própria ausência que suscita a elaboração do pensamento; o processo do pensamento proviria duma tensão não satisfeita imediatamente que encontraria uma satisfação alucinatória, não sendo o pensamento mais que um substituto do desejo alucinatório. Na perspectiva freudiana o funcionamento mental fica marcado pelas elaborações precedentes e por isso a teoria psicanalítica pode talvez explicar melhor as estratégias ou estilos cognitivos que a perspectiva piagetiana que é demasiado abstracta, não considerando as "forças de destruição" nos processos cognitivos, como os mecanismos de defesa, nem o pensamento inconsciente e primitivo. A teoria epistemológica piagetiana pode sair enriquecida do confronto com as hipóteses freudianas.

D. Ingleby (1980) é do parecer que as teorias freudiana e piagetiana se devem confrontar e não apenas coexistir pacificamente a pretexto de serem complementares. Realçar a importância da componente social pode funcionar como arco de ponte entre os dois autores que pecam por uma visão individualista da realidade afectivo-cognitiva. Também não se deve insistir no facto de Freud ter relevado a afectividade e Piaget a cognição, porque ambos consideraram ambas as dimensões, se bem que Freud desse mais importância aos problemas cognitivos que Piaget aos afectivos. Mas trata-se de "duas faces da mesma moeda", no dizer do próprio Piaget. Não se compreende como é que Freud não fez da junção dos dois aspectos um dos pontos básicos da sua teoria. O que distingue os dois autores neste particular é a relação que postulam entre ambos os sistemas: para Freud trata-se de uma relação "estrutural", enquanto que para Piaget ela é "funcional". Mas Ingleby insiste que quer um quer outro consideram a inteligência como "propriedade privada do indivíduo" transcurando a interacção social ou a "construção social da racionalidade". Por outro lado, Freud nunca prescinde do processo primário na sua interpretação do psiquismo humano. Mas também há convergências entre Freud e Piaget que poderiam ser melhor estudadas, como o pensamento mágico da criança, a permanência do objecto, o egocentrismo, o simbolismo.

Conclusão e sugestões

Ao concluir esta resenha de autores que tentaram aproximar a psicanálise da epistemologia genética e vice-versa, podemos afir-

mar que tal convergência é possível e fecunda para cada um dos sistemas e para a psicologia em geral, designadamente a psicologia do desenvolvimento e a epistemologia, se bem que não seja fácil tal aproximação e devam continuar ainda os estudos experimentais neste sentido. Trata-se de um confronto legítimo, iniciado pelo próprio Piaget. Porém, são de evitar os extremos, quer do reducionismo sincretista de Mauco e Odier, que propugnam praticamente a fusão dos dois sistemas, quer o daqueles que evitam qualquer termo de comparação.

A maioria dos autores, com mais ou menos convicção, acredita na possibilidade e vantagem da convergência dos dois sistemas, a começar pela própria A. Freud. Segundo ela, a "zona de fronteira" entre os dois autores pode ser saltada de um para outro lado através da observação directa da criança. Anthony e Wolff admitem também a convergência, embora isso possa comportar ciladas e violências a ambas as teorias. Gouin-Décarie, com o seu estudo experimental, concluiu que a teoria de Piaget, quanto ao objecto permanente, se confirma melhor que a de Freud sobre a relação objectal. Cobliner, que estuda também os dois primeiros anos, é mais optimista quanto à conciliação dos dois sistemas, o mesmo acontecendo com Dolle que faz alguns reparos a Piaget na sua interpretação do freudismo e procura ampliar o campo comum. Tran-Thong afirma que a comparação entre os estádios piagetiano e freudiano se revelou "delicada, ambígua e, em todo o caso, pouco fecunda", enquanto a comparação entre os sistemas de Wallon e Gesell se mostrou "extremamente frutuosa". Pensa ainda que é mais válido comparar Freud e Piaget com Wallon, podendo este autor servir de arco de ponte entre os outros dois sistemas e dar uma visão mais holística, dinâmica e concreta da personalidade, evitando posições unilaterais e abstractas (1983, pp. 194-207).

Os autores abordam diversos pontos de contacto e de confronto entre Freud e Piaget, mas os temas mais recorrentes são principalmente três e que têm a ver fundamentalmente com a epistemologia genética: 1) *relação entre afectividade e inteligência*. Freud acentua o primeiro tempo, enquanto Piaget privilegia o segundo. Mas Piaget foge ao dualismo e considera os dois aspectos indissociáveis e complementares, embora irreduzíveis. A afectividade funciona como energética e a inteligência como estrutura. Mas há autores, como Dolle, que discordam em reduzir a dimensão afectiva a simples energia, afirmando também a sua capacidade em formar estruturas. De qualquer forma, Piaget não realça suficientemente as forças motivacionais e as relações interpersonais, considerando a pessoa apenas como objecto privilegiado; 2) *relação objectal e objecto permanente*. No Prefácio à obra de Gouin-Décarie, Piaget elogia o esforço da autora em tentar confrontar experimentalmente as etapas freudianas de relação objectal ou do objecto libidinal com as etapas piagetianas até à noção de objecto permanente. Efectivamente, foi Gouin-Décarie quem melhor estudou esta relação, concluindo que a teoria de Piaget se confirma experimentalmente, não acontecendo o mesmo com a teoria freudiana. Cobliner e Dolle, entre outros, insistiram outrossim nesta confrontação. Todavia, Freud concebe a escolha do objecto como transferência de si (do narcisismo primitivo) para as pessoas, enquanto Piaget estuda a elaboração progressiva do objecto até à sua permanência, através de acções cada vez mais complexas. Porém, Dolle critica a insistência de Piaget no "interaccionismo" sem considerar suficientemente o "inter-relacionismo"; 3) *simbolização e representação*. É outro dos temas mais abordados pelos autores nos comentários a Freud e Piaget. É complexa e evoluiu a teoria de Freud sobre o símbolo, inicialmente interpretado como consequência do recalamento (particularmente a simbologia onírica) e posteriormente considerado também como pensamento insipiente. Para Piaget o símbolo é pensamento pré-operatório, em relação com a linguagem; a sua aparição é colocada em tempo posterior ao indicado pela psicanálise. O mesmo acontece quanto à representação, além de ser mais representação de coisas ou de esquemas de acção, enquanto que para Freud se trata predo-

minantemente de representação alucinatória devido à ausência frustrante do objecto (pessoa) do desejo.

Para concluir, pensamos que os estudos apresentados não são exaustivos e que podem e devem continuar, debruçando-se sobre os temas acima referidos, mas ainda sobre o esquecimento, o narcisismo, o inconsciente, o processo primário e secundário em relação com a irreversibilidade e reversibilidade, o significado dos "complexos" em relação com os sistemas e estruturas, o pensamento simbólico em relação com o pensamento egocêntrico, as fantasias de onipotência e o egocentrismo, e outros temas freudiano-piagetianos que podem enriquecer a "psicologia geral", alvitrada por Piaget como convergência das duas teorias. Piaget não acompanhou suficientemente a evolução do próprio Freud e muito menos a evolução da psicanálise pós-freudiana, como os teóricos da *Ego Psychology*. Os autores atrás apresentados pecam no geral pelo mesmo desconhecimento das diversas correntes da psicanálise moderna.

Julgamos ainda que outros grandes autores da psicologia do desenvolvimento, designadamente Wallon, podem ajudar como arco de ponte e complementaridade entre Freud e Piaget, pois nenhum deles esgotou os temas tratados, em ordem a uma maior compreensão do fenómeno humano, particularmente no campo genético e epistemológico. Se os teóricos psicanalistas ou os construtivistas se fecham no seu mundo e se ignoram mutuamente, devido a diversas preconceitos ou 'racismo' científico, o mesmo acontecendo com outras correntes da psicologia (do desenvolvimento), é toda a ciência psicológica e pedagógica que perde.

NOTAS

(¹) M. Huteau (1985, p. 260), bem como outros autores (por exemplo, I. Borges, 1983, p. 88) citam esta passagem de A. Freud através de Haynal (1969, p. 573). Porém, não achamos justo usar esta afirmação da filha de Freud para a considerar contrária à conciliação da psicanálise com a "psicologia académica". O artigo em questão, onde ela produz esta afirmação, foi traduzido para o francês (1956) e posteriormente incluído num dos seus livros (1976). A dita citação, que se encontra respectivamente nas pp. 363 e 65, abonada por vezes como tentando demonstrar que A. Freud não acreditava na possibilidade de confrontar positivamente e conciliar a psicanálise com a psicologia científica, e em particular com a psicologia genética, não traduz fielmente o conteúdo geral do dito artigo, que aliás reproduz uma conferência dada na Universidade de Clark. A. Freud afirma aí a ligação estreita entre a psicanálise e a psicologia genética tem um "campo comum" e um "fim comum". Mas "é com os processos de trabalho utilizados que começam as diferenças que abrangem quase todos os pontos" (1976, p. 65). Portanto, é particularmente quanto aos métodos de trabalho que os autores não se entendem. Porém, A. Freud pensa que há uma "vasta zona fronteiriça" (p. 64) entre as duas ciências e que é possível uma "estreita cooperação" que dissipe os "mal-entendidos e preconceitos" (p. 81). Certamente as duas ciências se encontrarão um dia através da observação directa da criança (p. 84).

(²) Já em 1922 este autor tinha publicado um artigo sobre *La psychologie génétique et la psychanalyse* onde comparava as teorias de Freud e de Piaget (cf. A. Freud, 1976, pp. 60-61).

(³) Este texto, resultante duma conferência na Clark University, apareceu traduzido em francês na *Revue française de Psychanalyse*, 1956, 20, 356-382, e depois incluído em A. Freud, *L'enfant dans la Psychanalyse*, 1976, pp. 57-84.

REFERÊNCIAS

- Ajuriaguerra, J. (1977). *Manual de Psiquiatria infantil* (4.ª ed.). Barcelona: Toray-Masson.
- Anthony, E. J. (1956). Six applications de la théorie génétique de Piaget à la théorie et à la pratique psychodynamique. *Revue Suisse de Psychologie pure appliquée*, 15, (4), 269-277.
- Anthony, E. J. (1957). The system makers: Piaget and Freud. *British Journal of Medical Psychology*, 30, 255-269.
- Anthony, E. J. (1979). As emoções e a inteligência. In V. Warma e P. William (Eds.), *Piaget — Psicologia e Educação*. Lisboa: Moraes, pp. 69-84 (o original é de 1976).
- Barros de Oliveira, J. H. (1987). Freud e Piaget — Dois sistemas complementares. *Jornal de Psicologia*, 6, (1), 9-12.

- Borges, M. I. (1983). *A organização do objecto e os primeiros meses da criança*. Lisboa: Fresta.
- Coblíner, W. G. (1968). L'école genevoise de psychologie génétique et la psychanalyse: analogies et dissemblances. In R. Spitz, *De la naissance à la parole — La première année de la vie*. Paris: PUF.
- Dolle, J. M. (1979). *De Freud a Piaget*. Lisboa: Moraes. (Publicado originalmente em 1977).
- Freud, A. (1956). La contribution de la psychanalyse à la psychologie génétique. *Revue Française de Psychanalyse*, 20, 356-382.
- Freud, A. (1976). *L'enfant dans la psychanalyse*. Gallimard: Paris.
- Freud, S. (1972). *Gesammelte Werke* (G. W.) (4.ª ed.). Frankfurt: S. Fischer Verlag (Trad. espanhola (1973): *Obras Completas* (O. C.) (3.ª ed.). Madrid: Biblioteca Nueva).
- Gouin-Décarie, T. (1973). *Intelligence et affectivité chez le jeune enfant* (2.ª Ed.). Neuchâtel: Delachaux et Niestlé.
- Gressot, M. (1956). Psychanalyse et Connaissance — Contribution à une épistémologie psychanalytique. *Revue Française de Psychanalyse*, 20, 8-130.
- Haynal, A. (1969). Sur le problème de points de contact entre la psychologie génétique de Piaget et la théorie psychanalytique. *La Psychiatrie de l'Enfant*, 12, 537-576.
- Huteau, M. (1985). *Les conceptions cognitives de la personnalité*. Paris: PUF.
- Ingleby, D. (1980). Freud and Piaget — The phoney war. *Medical Psychology Unit*. University of Cambridge (Trad. portuguesa: Freud e Piaget: a Guerra imaginária. *Análise Psicológica*, 1982, 1-2, série III, 5-26).
- Inhelder, B. (1956). Die affektive und kognitive Entwicklung des Kindes. *Revue Suisse de Psychologie*, 15, (4), 251-268.
- Lebovici, S. e Soule, M. (1972). *La connaissance de l'enfant par la Psychanalyse* (2.ª ed.). Paris: PUF.
- Pinol-Douriez, M. (1979). Confrontation entre les approches freudienne et piagétienne dans l'étude des structures mentales et de leur fonctionnement. *Cahiers de Psychologie*, 22, (1-2), 29-42.
- Rapaport, D. (1969). *Struttura della teoria psicoanalitica*. Torino: Boringhieri.
- Saussure, R. (1933). Psychologie génétique et Psychanalyse. *Revue Française de Psychanalyse*, 6, 365-389.
- Tian-Thong (1981). *Estádios e conceito de estágio de desenvolvimento da criança na psicologia contemporânea* (1.ª vol.). Porto: Ed. Afrontamento.
- Tian-Thong (1983). *Estádios e conceito de estágio de desenvolvimento da criança na psicologia contemporânea* (2.ª vol.). Porto: Ed. Afrontamento.
- Wolff, P. H. (1960). *The developmental psychologies of Jean Piaget and Psychoanalysis*. *Psychological Issues*, 2, (1), Monograph 5.

ABSTRACT

CONVERGENCE BETWEEN FREUD AND PIAGET ACCORDING TO SEVERAL AUTHORS

It is our purpose to synthesize the most representative authors who have tried to analyse the points of convergence and divergence between Freud and Piaget or between the psychoanalysis and the psychology of the child in order to understand better developmental psychology, namely genetic epistemology.

The authors discuss three main points of contact: affectivity and intelligence, object relationship and permanency object, symbolisation and representation.

In general, the author believes in the possibility of convergence and complementarity between both theories.

RÉSUMÉ

CONVERGENCE ENTRE FREUD ET PIAGET SELON LES DIVERS AUTEURS

Le but de cet article est de synthétiser la pensée des principaux auteurs qui ont essayé l'analyse des points de convergence et de divergence entre Freud et Piaget ou entre la psychanalyse et la psychologie génétique, en vue d'une meilleure promotion de la psychologie évolutive, principalement de l'épistémologie génétique.

Les auteurs mettent particulièrement en valeur trois points de contact: affectivité et intelligence, relation objectal et objet permanent, symbolisation et représentation, quoiqu'ils prennent en considération aussi d'autres aspects.

Généralement les auteurs croient à la possibilité de convergence et de complémentarité entre les deux théories. Nous sommes aussi de cet avis.

ATENÇÃO:

Esta obra não se encontra à venda nas livrarias. Deverá ser solicitada directamente ao "Jornal de Psicologia — Rua das Taipas, 76 — 4000 PORTO — juntamente com cheque ou vale de 850\$00 (despesas de envio incluídas).

"Neste livro abordam-se os modelos que têm sido mais frequentemente utilizados em Psicologia de Desenvolvimento, considerando-se que nesta fase da História da Psicologia estes modelos estão em mudança. (...)"

**INTRODUÇÃO À
PSICOLOGIA DO
DESENVOLVIMENTO**
MARIA ISOLINA PINTO BORGES

Jornal de
PSICOLOGIA

Com o apoio da
FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

Da autoria da Prof. Doutora Isolina Pinto
Borges, mais um lançamento das
Edições **Jornal de
PSICOLOGIA**

PROCESSOS COGNITIVOS, TESTES DE CONHECIMENTOS E DIFERENÇAS INDIVIDUAIS (*)

E. MULLET (**)

INETOP — PARIS

Inspirando-se na metodologia desenvolvida por N. H. Anderson no contexto da teoria da integração da informação, propõe-se um modo de construção de instrumentos de avaliação dos conhecimentos que permite atingir, de forma simples, os processos de tratamento da informação utilizados pelos alunos. É apresentado um exemplo que se baseia sobre uma noção de física ensinada no 7.º ano de escolaridade. Este tipo de instrumento deveria permitir um ajustamento muito directo entre avaliação e acção pedagógica. O desenvolvimento de equipamento informático torna este tipo de procedimento compatível com os constrangimentos de tempo habituais nas escolas.

PROGNÓSTICO E DIAGNÓSTICO

Num artigo publicado há já oito anos, Huteau e Lautrey (1978) interrogavam-se sobre qual o papel dos testes de inteligência na educação e na orientação e, secundariamente, que utilização atribuir à psicologia cognitiva nestes dois domínios de aplicação.

Ao abordar o papel dos testes, os autores retomam a distinção clássica entre papel prognóstico e papel diagnóstico e parece-lhes que, quanto ao primeiro destes papéis, os testes actuais estão relativamente bem adaptados a esta função, isto é, geralmente aparecem como os melhores preditores do sucesso (escolar). Quanto ao segundo destes papéis, o papel diagnóstico, parece-lhes pelo contrário que, entre os testes actuais, poucos são susceptíveis de ajudar à compreensão das dificuldades encontradas pelos alunos e, portanto, a fundamentar acções de educação ou de reeducação.

EMPIRISMO E TEORIA

As razões deste estado de coisas podem ter a ver com o modo de definição da variável (inteligência) medida, com o modo de construção de certas provas: "É hoje possível representar o funcionamento mental como um processo de tratamento da informação. As informações são seleccionadas, depois transformadas pela aplicação de sequências estruturadas de operações, com vista à elaboração de uma resposta finalizada. Um factor será fonte de conhecimento se ele nos permite caracterizar, na sua variabilidade, uma sequência de operações ou um dos seus elementos. Na medida em que as séries de observações tratadas pela análise factorial não foram recolhidas nesta óptica, não é de esperar poder-se interpretar facilmente, neste quadro explicativo, os factores que daí são extraídos" (p. 122).

Podem igualmente ter a ver com o modo de recolha dos dados, com a amostra de tarefas propostas aos alunos: "As provas... caracterizam-se em primeiro lugar pela rapidez da aplicação, pela simplicidade da correcção e pelo baixo custo do material, ..., esta escolha, para além do inconveniente que tem de reproduzir uma situação escolar, a maior parte das vezes na escola, o que

ainda reforça este carácter, deixa fora do campo a descrição dos aspectos importantes da vida mental" (p. 127).

Têm igualmente a ver com o carácter muito global da avaliação final: "A ambiguidade de uma constatação de realização é tanto maior quanto os processos implicados nesta realização são numerosos. Deste ponto de vista, as constatações mais ambíguas são aquelas que visam avaliar uma inteligência geral, em termos de Q.I. ou não. Aliás, muitas vezes as definições propostas são essencialmente centradas sobre o nível de eficiência, quer dizer, sobre o resultado da actividade e não a forma" (p. 128).

Têm enfim a ver, mais geralmente, com o facto de que a maior parte dos testes foram construídos sem referência a uma teoria dos processos cognitivos. E mesmo no caso em que foram construídos testes em referência a uma teoria (Longeot, 1969), a sua utilização efectiva não parece muito orientada para a análise dos processos:

"À primeira vista, os testes saídos da teoria de Piaget escapam a um certo número de críticas dirigidas aos testes clássicos. O quadro teórico donde eles saíram dá uma significação psicológica às observações que eles permitem recolher e acentua as características das operações mentais em jogo. Contudo, reinterpretadas através de uma formação psicométrica clássica, estas provas são muitas vezes aplicadas de forma tal que os seus resultados apresentam as mesmas ambiguidades que os dos outros testes... A noção de estádio, utilizada assim, faz regressar pela janela os inconvenientes do Q.I. que se julgaria ter expulso pela porta ao utilizar uma prova operatória" (p. 133).

ESPERANÇA

A constatação realizada pelos autores é sem piedade mas não sem esperança. O artigo sugere pistas de investigação muito interessantes, particularmente quanto à construção de testes pedagógicos, de testes "sensíveis" à acção educativa: "Parece-nos que os testes pedagógicos, que utilizam a metodologia concebida para os testes psicológicos, mas *construídos com vista a objectivos mais restritos*, poderiam contribuir mais para a individualização do ensino" (p. 140). "Se uma tal evolução se processasse, ver-se-ia então aparecer uma nova categoria de provas: *testes em que seriam claramente especificados, ao mesmo tempo, os conhecimentos de base necessários e as operações psicológicas a utilizar*. Estes novos testes de inteligência-educação distinguem-se num ponto importante dos testes de inteligência actuais: a sua sensibilidade. Eles seriam sensíveis à acção pedagógica, enquanto que os testes actuais, elaborados no quadro da teoria das aptidões, são construídos sem o objectivo de minimizar esta sensibilidade" (p. 140).

PISTA DE INVESTIGAÇÃO

É uma destas pistas de investigação que nós decidimos explorar, e isto em ligação com certas ideias emitidas no contexto da Teoria da Integração da Informação (Anderson, 1981, 1982, no prelo). Iremos apresentar, a partir dum exemplo concreto, tirado dum manual de física para adolescentes, uma concepção do que poderia ser um teste de conhecimentos que visaria aproximar um pouco mais de perto o nível dos processos de tratamento da informação, quer dizer, uma concepção de um teste de conhecimentos em que os resultados poderiam mais ou menos directamente servir de guia à acção pedagógica.

MASSA VOLÚMICA

Suponhamos que nos interessa a aquisição, por um aluno do secundário, da noção de massa volúmica dum corpo. A massa volúmica dum corpo exprime a relação entre a massa desse corpo e o seu volume, sendo a massa e o volume definidos num sistema de unidades coerentes. Escrevamos:

$$\text{Massa volúmica} = \text{Massa} : \text{Volume} \quad (1)$$

Poder-se-á dizer que um aluno compreendeu a noção de massa volúmica quando ele for capaz de explorar a noção num grande número de circunstâncias variadas, e isto de forma apropriada. Compreender a noção de massa volúmica é em particular compreender as relações que unem os três termos da equação n.º 1. É ser capaz de associar àquela as equações seguintes, n.º 2 e 3:

$$\text{Volume} = \text{Massa} : \text{Massa volúmica} \quad (2)$$

$$\text{Massa} = \text{Volume} \times \text{Massa volúmica} \quad (3)$$

Note-se desde já que, dum ponto de vista psicológico, as três equações não são equivalentes. A equação n.º 3 exprime a combinação multiplicativa de dois tipos de informação. As equações n.º 1 e 2 exprimem a combinação por divisão de dois tipos de informação. Há boas razões para pensar (Anderson, 1980), que a relação entre Massa, Volume e Massa volúmica, tal como a que é exprimida pela equação (3), será muito mais fácil de compreender que as relações entre estes três tipos de informação, como as que são exprimidas pelas equações (1) e (2). Noutros termos, levar um aluno a fazer uma ideia da massa (ou a calculá-la) a partir das informações Volume e Massa volúmica será globalmente mais fácil que levar esse mesmo aluno a fazer uma ideia do volume a partir da sua Massa e da sua Massa volúmica ou ainda a fazer uma ideia da Massa volúmica desse corpo a partir da massa e do volume. Só se poderá dizer que um aluno compreendeu verdadeiramente a noção de Massa volúmica quando ele evidenciar um bom domínio intuitivo destas três equações.

MASSA

Examinemos em primeiro lugar o problema posto pela verificação de que o aluno adquiriu bem o domínio intuitivo da equação:

$$\text{Massa} = \text{Volume} \times \text{Massa volúmica} \quad (3)$$

O domínio intuitivo desta equação pressupõe: a) o reconhecimento duma ligação, duma relação entre Massa e Volume (com a Massa volúmica constante); b) o reconhecimento duma relação entre Massa e Massa volúmica (com o volume constante); c) o reconhecimento do carácter positivo destas relações (quanto maior é o volume, mais elevada é a massa... com a massa volúmica constante); d) o reconhecimento do carácter multiplicativo da operação a aplicar.

O domínio intuitivo da equação pode ser enfraquecido por várias razões, isoladas ou associadas. O aluno a quem se fornece indicações de volume e de massa volúmica e que deve inferir a partir daí a massa dum objecto pode, perante os factos, ter em conta apenas a indicação do volume (espera-se, espontaneamente,

te, que uma grande mala seja pesada). No inverso, o aluno pode, perante os factos, só ter em conta a massa volúmica (um quilo de chumbo é mais pesado que um quilo de plumas). O aluno pode combinar as duas informações Volume e Massa volúmica, mas de maneira aditiva e não multiplicativa...

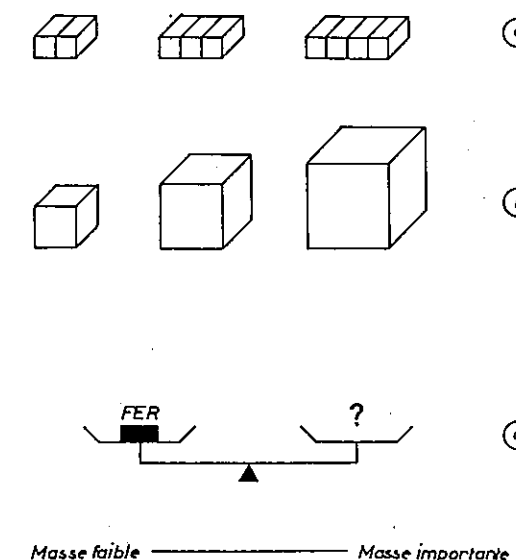
PLANO

O simples facto de saber se o aluno adquiriu o domínio da equação (3) supõe uma investigação detalhada. O princípio da investigação que é proposto inspira-se directamente nos métodos de planificação experimental em uso na psicologia científica e na maior parte das outras ciências. Procurar saber se o aluno adquiriu o domínio intuitivo da equação n.º 3 remete, neste espírito, a pôr em prática uma experiência de julgamento na qual os factores Volume e Massa volúmica serão as variáveis independentes e o factor Massa a variável dependente. Cada variável independente pode ter por exemplo três níveis. Os três níveis de variável Massa volúmica poderiam ser Ferro, Alumínio, Madeira. Os três níveis da variável Volume poderiam ser representados pelas figuras 1a ou 1b.

O cruzamento das duas variáveis Massa volúmica e Volume conduz à obtenção de nove combinações (plano ortogonal). Cada combinação pode ser figurada sobre uma folha cartonada ou apresentada sobre um écran catódico de microcomputador. A figura 1c apresenta a combinação "Dois cubos" e "Ferro", assim como os elementos necessários para a compreensão da pergunta feita.

Figura 1

Exemplos de esquemas que podem ser utilizados no contexto do estudo do julgamento de Massa



A variável dependente Massa é aquela a propósito da qual uma resposta, um julgamento é solicitado ao aluno. O modo de resposta mais cómodo poderia consistir para o aluno em colocar uma cruz num ponto de uma escala (rating scale) Massa fraca — Massa elevada (cf. figura 1c). De forma a que o aluno possa utilizar a escala sem que se produza um fenómeno de tecto nas respostas, é conveniente apresentar duas (ou mais) combinações suplementares extremas em relação às precedentes: "um cubo" e "madeira", "cinco cubos" e "ferro", por exemplo. Assegura-se assim que as respostas associadas às nove combinações do plano se situarão na parte (relativamente) central da escala, aquela

(*) Este estudo utilizou os meios de trabalho do Service de Recherches du Institut National d'Étude du Travail et de l'Orientation Professionnelle (CNAM) e do Laboratoire de Psychologie Différentielle (EPHE, 3e Section e Université René Descartes), assim como os meios postos à disposição do Laboratoire pelo CNRS (UA 656). O autor agradece a S. Favre e a S. Faraclos a colaboração técnica.

Tradução de Pedro Pinho.

(**) Service de Recherches de l'INETOP (C.N.A.M.) — 41, Rue Gay-Lussac — 75005 Paris — França.

onde há o menor risco de se manifestarem os enviesamentos de respostas habituais neste tipo de medida.

O conjunto das nove (+ 2) combinações deve ser apresentado (uma a uma) diversas vezes, servindo a primeira apresentação como fase de treino no decorrer da qual o aluno aprende a servir-se da escala. Cada vez que o aluno responde, coloca uma cruz (cf. Mullet & Vidal, 1986).

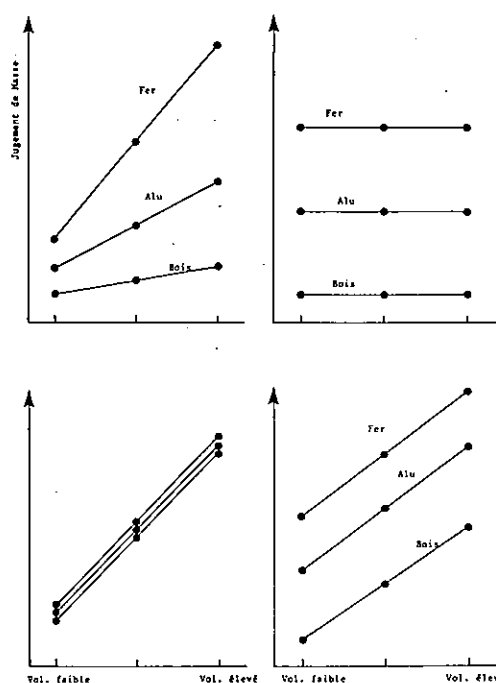
PADRÕES E PROCESSOS

Examinemos agora os diferentes padrões de respostas que é possível registar sob uma ou outras das hipóteses relativas ao domínio que o aluno evidencia da equação n.º 3.

No caso (ideal) em que o aluno é sensível aos efeitos do volume sobre a massa, da massa volúmica sobre a massa, reconhece que esses efeitos são de sentido positivo, aplica um modo multiplicativo de combinação dos efeitos, então o padrão dos resultados revestirá a forma dum leque (figura 2a). Esta forma caracteriza

Figura 2

Quatro padrões de esquemas que podem ser utilizados no contexto do estudo do julgamento de Massa.



de maneira típica uma interacção entre os factores da variação e o critério massa (Bacher, 1980). Quando ele constata um tal padrão de resultados, quer o gráfico tenha sido realizado à mão a partir de médias de resposta, quer tenha sido traçado directamente pelo computador, o psicólogo ou o pedagogo só pode regozijar-se com o facto de que pelo menos um dos aspectos da noção de massa volúmica foi convenientemente compreendido pelo aluno.

No caso em que o aluno é sensível apenas a um dos efeitos, o da massa volúmica, por exemplo, então o padrão de resultados revestirá a forma de três linhas horizontais (figura 2b). Quando ele constata um tal padrão de resultados, o psicólogo ou o pedagogo sabe que convém então atrair a atenção do aluno para o efeito do Volume sobre a Massa. No caso contrário, em que o aluno só é sensível a este efeito e não ao da massa volúmica, então o padrão de resultados assumirá a forma de três linhas direitas ascendentes praticamente confundidas (figura 2c).

No caso em que o aluno é sensível aos dois efeitos, mas não realiza mais do que uma combinação aditiva destes efeitos,

então o padrão de resultados assumirá a forma de três linhas paralelas ascendentes (figura 2d). Quando constata um tal padrão de resultados, o psicólogo ou o pedagogo sabe que convém atrair a atenção do aluno para o carácter multiplicativo da combinação.

Podem ser observados numerosos padrões diferentes de resultados e a cada um ou quase deve ser possível de fazer corresponder uma interpretação que desemboque numa acção pedagógica bem precisa. Uma prática clínica deste género de provas seria de desenvolver.

VOLUME

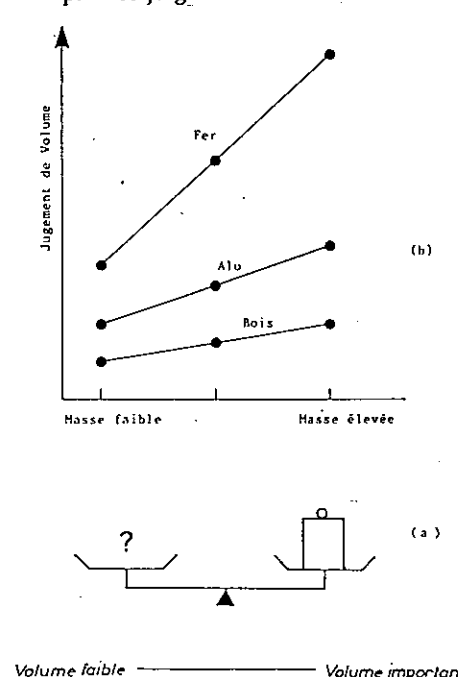
Examinemos agora o problema posto pela verificação de que o aluno adquiriu bem o domínio da equação:

$$\text{Volume} = \text{Massa} : \text{Massa volúmica} \quad (2)$$

O domínio desta equação supõe: a) como para a equação precedente, o reconhecimento duma relação entre Massa e Volume, entre Massa volúmica e Volume; b) o reconhecimento do carácter positivo da relação entre Massa e Volume à Massa volúmica constante; c) o reconhecimento do carácter negativo da relação entre Massa volúmica e Volume à Massa constante; d) o reconhecimento do carácter "divisivo" da operação a aplicar (e não somente subtrativo, por exemplo).

Procurar saber se o aluno adquiriu o domínio da equação n.º 2 remete, como anteriormente, para pôr em prática uma experiência de julgamento, mas na qual desta vez os factores Massa e Massa volúmica são as variáveis independentes e a variável Volume, a variável dependente, aquela a propósito da qual é solicitada uma resposta. Os três níveis da variável Massa volúmica podem ser, como anteriormente: Ferro, Madeira, Alumínio. A figura 3a apresenta a combinação "Ferro" e "Peso médio" assim como os elementos necessários para a compreensão, pelo aluno, do problema posto. O modo de resposta mais cómodo para o aluno poderia consistir em colocar uma cruz num ponto qualquer ao longo duma escala de Volume.

Figura 3
Dispositivo experimental que pode ser utilizado para os julgamentos de Volume



No caso (ideal) em que o aluno domina perfeitamente a equação n.º 2, então deverá observar-se (figura 3a) um padrão

de resultados bastante semelhante ao da figura 2a, salvo que a ordem das massas volúmicas está invertida. Da mesma forma que no caso anterior, qualquer padrão de resultados em que as três linhas direitas sejam, quer ascendentes e confundidas, quer horizontais e paralelas, corresponde à não-sensibilidade do aluno para o carácter "divisivo" da operação de combinação das informações. Enfim, qualquer padrão de resultados em que a ordem das curvas Madeira, Alumínio, Ferro, esteja invertida, corresponderia a um não-reconhecimento, pelo aluno, do carácter negativo da relação entre Volume e Massa volúmica. Em cada um dos casos, não é difícil de imaginar o tipo de acção pedagógica apropriada.

MASSA VOLÚMICA

O problema posto pela verificação de que o aluno adquiriu bem o domínio da equação n.º 1 é semelhante ao problema precedente, pelo que não o desenvolveremos aqui.

ACÇÃO PEDAGÓGICA

Na sequência da passagem das três provas, isto é, uma vez que o aluno tenha realizado as estimações de Massa, Volume e Massa volúmica, o psicólogo ou o pedagogo dispõe duma grande quantidade de observações (27, pelo menos), em relação umas com as outras e como tal relativamente fáceis de interpretar. O número de padrões de resultados diferentes possíveis é importante, mas deverá ser fácil de fazer corresponder de cada vez uma interpretação em termos de processos e portanto uma acção pedagógica correctora (cf. Favre & Ferrenoud, 1985). Se o aluno manifesta um bom domínio da equação:

$$\text{Massa} = \text{Volume} \times \text{Massa volúmica},$$

mas só realiza uma combinação imperfeita das informações no quadro das duas outras séries de provas, deverá por exemplo ser possível apoiar-se sobre o carácter multiplicativo (quer dizer, mais que aditivo) reconhecido pelo aluno da combinação do Volume e da Massa volúmica para lhe permitir atingir a etapa da combinação optimal das informações nas duas outras provas.

CÁLCULO

O tipo de interrogação psico-pedagógica que acabámos de desenvolver atrás a partir dum exemplo difere, a vários títulos, do tipo clássico de interrogação. Em primeiro lugar, não fazemos nenhum apelo ao cálculo aritmético. As respostas do aluno fazem-se ao longo das escalas de Volume, de Massa, de Massa volúmica (rating scales). O problema não é o de saber se o aluno sabe aplicar no momento certo a fórmula do Volume ou da Massa volúmica, mas sim de saber se o aluno compreendeu as relações que mantêm as noções de Volume, Massa e Massa volúmica, compreendeu quer dizer "encerrou em si", "incorporou", "apanhou o sentido".

Parece-nos perfeitamente possível verificar se o aluno compreendeu tal ou tal noção, domina tal ou tal estrutura (mesmo matemática), sem passar pela mediação do cálculo aritmético, possível e mesmo desejável. O papel do algoritmo de cálculo é o de permitir encontrar o resultado certo (com aproximação à centésima, por exemplo); o desencadear deste algoritmo-instrumento pressupõe uma compreensão da natureza do problema que ultrapassa a simples aplicação automática dum cálculo (Pelnard, 1976). Se se comprovar, por exemplo, que um aluno compreendeu a noção de Massa volúmica, ou um aspecto dessa noção (a equação n.º 3, por exemplo) e parece incapaz de executar bem os cálculos aritméticos que lhe são pedidos no contexto dum exercício clássico, tal deverá significar que então o problema pedagógico colocado por este fracasso se circunscreve aos aspectos algorítmicos do exercício e requer uma acção precisa a este nível, mais do que uma nova demonstração do que é a Massa volúmica, a Massa, o Volume (ou que uma punição).

ORGANIZAÇÃO

Em relação à interrogação de tipo clássico, o tipo de interrogação que foi desenvolvido distingue-se pelo carácter organizado da interrogação. As nove perguntas feitas em cada série de provas estão organizadas segundo um plano: o que permite, como vimos, abordar o nível dos processos de tratamento. Do mesmo modo, as três séries de perguntas estão organizadas segundo uma combinatoria C_3^3 .

FORMALIZAÇÃO E REALIZAÇÃO

Em relação à interrogação de tipo clássico, a interrogação proposta não obriga necessariamente o aluno a formalizar. O aluno que compreendeu a noção pode aqui funcionar por realização (Reuchlin, 1976). Considerando por um lado o volume do corpo que lhe é apresentado (figura 1c) e por outro lado a massa desse corpo, sendo as duas informações apresentadas de forma relativamente concreta, o aluno pode a partir daí inferir a massa volúmica pela aplicação dos conhecimentos que acumulou quando das múltiplas manipulações de objectos realizadas antes, durante e após a lição.

O que mais importa é saber se o aluno compreendeu a noção de Massa volúmica e não saber se ele compreendeu a lição. No que respeita à aquisição da noção de Massa volúmica, a lição pode ter um efeito positivo, de clarificação, de estruturação dos conhecimentos adquiridos anteriormente por manipulação; pode ter um efeito nulo; pode também ter um efeito negativo. A aplicação, antes e depois da lição, do tipo de interrogação proposto e a comparação dos resultados podem constituir um meio simples de verificação do impacto da lição.

ANÁLISE

Em relação ainda à interrogação de tipo clássico, a interrogação aqui proposta distingue-se pelo seu carácter mais analítico. Vimos como a noção de Massa volúmica podia ser decomposta em três "aspectos" concretizados pelas equações 1, 2, e 3. Vimos igualmente como cada aspecto podia ser ele mesmo decomposto no que pode ser designado como pré-requisitos (sensibilidade do aluno ao carácter positivo ou negativo das relações) e o que tem a ver com as regras de combinação, com a álgebra cognitiva.

Note-se que o nível de análise não é muito fino. Trata-se simplesmente do nível de análise que permite inferir os processos sobre os quais o pedagogo pode ter influência.

TEMPO

Em relação ainda à interrogação clássica, a interrogação proposta aqui não supõe, contrariamente ao que se poderia imaginar, que seja consagrado muito mais tempo à verificação dos conhecimentos. Uma prova comporta aproximadamente uma trintena de itens apresentados de forma figurada. Cada item necessita de cerca de dez segundos de reflexão, o que leva a cinco minutos, digamos dez minutos, o tempo total de passagem. A generalização do emprego de microcomputadores e a enorme facilidade com que este género de provas pode ser programada, torna compatível a dimensão temporal da prova e os constrangimentos escolares.

ANÁLISE DE VARIÂNCIA

No caso duma utilização deste tipo de provas por microcomputador, seria possível completar o programa de recolha de dados e de restituição gráfica daqueles por um programa de análise de variância múltipla. Seria assim possível uma estimativa

do efeito de cada um dos factores de variação, do efeito da interacção (o que permitiria distinguir entre composição aditiva ou multiplicativa), da percentagem de variância de que o modelo dá conta (o que permitiria fazer uma ideia do grau de estabilidade-variabilidade das respostas dos alunos, quer dizer, do grau de domínio da própria situação).

PIAGET

Em relação à interrogação piagetiana (método crítico), o tipo de interrogação proposto aqui difere fundamentalmente, entre outras coisas, pelo modo de resposta do aluno. A interrogação piagetiana baseia-se muitas vezes sobre uma comparação: comparar duas bolas de plasticina, comparar dois grupos de berlindes e dizer qual dos dois preenche uma dada condição. A interrogação proposta assenta sobre uma avaliação, uma estimativa: estimar a densidade dum corpo, estimar a impulsão de Arquimedes, estimar o calor libertado, estimar o resultado duma divisão... Há razões para pensar que este modo de interrogação impõe aos sujeitos uma carga mental menos pesada que aquele que impõe o sistema de respostas por comparação. Comparar ou estimar são dois modos de respostas que geralmente induzem processos prévios de tratamento da informação diferentes (Slovic & Lichtenstein, 1983). Foi possível mostrar, por exemplo (Wilkening, 1979, 1980; Wilkening & Sarris, 1975; Anderson & Cuneo, 1978; Lautrey, Mullet & Paques, 1986), que a hipótese de centralização-descentralização avançada por Piaget (1963) reflectia mais o modo de interrogação das crianças que o seu modo de funcionamento. Certas crianças são capazes de integrar duas ou mais informações muito antes do que o deixam supor os trabalhos piagetianos clássicos.

AUTO-CORRECÇÃO

É talvez necessário chamar a atenção para o interesse que pode apresentar, para os alunos, a auto-correcção deste género de provas. A análise do problema nos seus componentes, a constituição de gráficos pessoais, a comparação com o gráfico optimal são provavelmente tantas outras ocasiões pedagógicas para o próprio aluno. Sabe-se que os planos intra-sujeitos têm como inconveniente o tornarem os sujeitos sensíveis a certos efeitos aos quais de outra forma não teriam manifestado sensibilidade (no contexto dum plano inter-sujeitos, por exemplo). O que é um inconveniente para o experimentador pode tornar-se aqui uma vantagem, um meio, para o pedagogo.

COGNOGRAMAS

É assim que seria conveniente denominar os gráficos apresentados atrás, de maneira a pôr em evidência as relações que esses gráficos têm com o funcionamento do aluno, com os seus processos mentais. Da mesma forma que o electrocardiograma ou o electroencefalograma não pretendem modelar perfeitamente a actividade do coração ou a actividade cortical, mas fornecem sobre o seu funcionamento informações extremamente úteis, os cognogramas que é possível traçar a partir das respostas dos alunos só reflectem um aspecto dos processos que conduziram a estas respostas; a informação contida nestes curvas não é menos considerável (Hammond, 1971; Hoffman et al., 1981; Adelman, 1981; Dean et al., 1972; Gillis et al., 1975; Lindell & Steward, 1974; Mumpower & Hammond, 1974; Wigton, 1985).

CONSTATAÇÃO VERSUS ACÇÃO

Notemos ainda que o tipo de interrogação proposta permite ultrapassar a oposição que alguns acreditam ver entre a constatação (a constatação do sucesso, a constatação do fracasso) e a acção pedagógica. Segundo estes, os testes seriam essencialmente instrumentos de constatação, os instrumentos dos pessimistas, dos

que acreditam na fixidez das coisas. À prática da constatação (quer dizer, à prática dos testes), opor-se-ia a prática da acção pedagógica, a educação.

Pela nossa parte, vemos, no que respeita ao domínio psicopedagógico, mais complementariedade que oposição entre a prática das constatações em educação (a medida em educação) e o acto educativo propriamente dito. Um e o outro são igualmente necessários e necessários um ao outro. O acto educativo deve permitir transformar uma constatação de fracasso numa constatação de sucesso e a constatação deve permitir ajustar continuamente o acto pedagógico, com vista a reforçar o seu impacto (cf. também Allal, Cardinet & Perrenoud, 1979).

Se um dia se tentasse fundamentar cientificamente os programas escolares (o programa de acção pedagógica), há toda a razão para pensar que é exactamente na base de constatações de aquisição (e de não-aquisição) realizadas em diferentes níveis de idade, tendo em conta a utilização deste ou daquele método, que poderia ser levada a bom cabo esta vasta empresa (Levasseur & Chassaing, 1984, por exemplo).

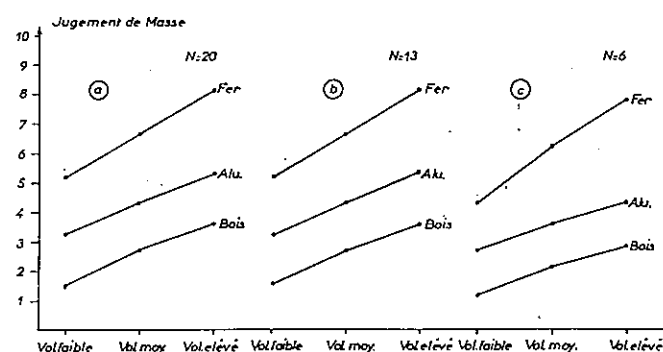
POSSÍVEIS

É necessário insistir enfim e sobretudo sobre o facto de que a via que nós tentamos explorar é só uma das vias possíveis com vista a nos levar a dispor de provas psico-pedagógicas que respondam às aspirações emitidas por Huteau e Lautrey. Uma parte dos programas das ciências físicas, das ciências naturais, das matemáticas, pode ser analisado da maneira que foi desenvolvida no exemplo. A análise dos programas de gramática, de ortografia, apresenta dificuldades de outra ordem mas que não são insuperáveis. Trata-se em todo o caso de uma pluralidade de técnicas próprias para pôr em evidência os processos que são de ter em conta, em ligação com as técnicas correctivas às quais elas serão necessariamente associadas.

APLICAÇÕES

De forma a mostrar a viabilidade do tipo de interrogação proposto aqui, solicitámos a participação de 20 alunos do 7.º ano

Figura 4
Resultados empíricos relativos ao domínio intuitivo da equação
Massa Volúmica $\star$ Volume



de escolaridade e ensaiámos o material descrito acima. Os alunos evidenciaram uma boa compreensão da instrução e utilizaram a escala sem dificuldade aparente.

MASSA = VOLUME $\star$ MASSA VOLÚMICA?

Os resultados médios para o conjunto do grupo de 20 alunos são apresentados na figura n.º 4a. Na ordenada estão situados os julgamentos médios de massa. Na abscissa estão situadas, com equidistância, as três modalidades de volume. As três curvas correspondem às três modalidades de massa volúmica.

O padrão de integração médio reveste mais ou menos a forma dum leque; devido a este facto, ser-se-ia tentado a pensar que, pelo menos ao nível médio, o padrão de integração é multiplicativo. Uma análise de variância efectuada a partir dos julgamentos médios mostra contudo que, se os efeitos do volume ($F=153$) e da massa volúmica ($F=51$) são significativos ($\alpha=.01$), o efeito da interacção não o é ($F=.79$).

Vinte análises de variância, uma por aluno, foram igualmente realizadas. Para 13 alunos, o efeito da interacção não é significativo. O padrão de integração médio destes alunos é apresentado na figura n.º 4b. Trata-se tipicamente do padrão das três linhas paralelas. O factor volume explica 77% da variância explicada e o factor massa volúmica 23%; o valor do teste F para a interpretação só é de 0.16. Para este primeiro sub-grupo de alunos, parece ser legítimo escrever: $\text{Massa} = f(\text{Volume} + \text{Massa volúmica})$.

Para 6 alunos, o efeito da interacção é significativo. O padrão de integração médio destes alunos é representado na figura n.º 4c. Este padrão reveste a forma dum leque. É principalmente a curva correspondente à modalidade ferro que não é paralela às duas outras. O factor volume explica 75% da variância explicada, a interacção apenas 0,5% ($F=5,77$, mas $p<.01$). Para estes seis alunos parece legítimo escrever: $\text{Massa} = f(\text{Volume} \times \text{Massa volúmica})$.

VOLUME = MASSA $\star$ MASSA VOLÚMICA?

O gráfico dos resultados médios sugere um padrão de integração subtrativo: $\text{Volume} = f(\text{Massa} - \text{Massa volúmica})$. As diferenças dum aluno ao outro são contudo tais que a significação destes resultados médios é fortemente duvidosa.

Para 8 alunos o padrão de integração é francamente subtrativo; o padrão médio encontra-se representado na figura n.º 5g. Tudo se passa como se o julgamento de volume resultasse da utilização da equação precedente. Para este grupo de alunos, o factor massa explica 70% da variância explicada e o factor massa volúmica explica o resto. A interacção não é significativa ($F=.45$).

Para 3 alunos o padrão de integração é quase unifactorial (figura n.º 5h). Tudo se passa como se apenas o factor massa fosse tido em conta; este explica 96% da variância explicada. O efeito dos factores massa volúmica ($F=.89$) e interacção ($F=.38$) não é significativo. Para este sub-grupo de alunos parece legítimo escrever: $\text{Volume} = f(\text{Massa})$.

Para 2 alunos, o padrão de integração é curiosamente um padrão aditivo (figura n.º 5i). As duas informações são bem tomadas em conta, mas são adicionadas: $\text{Volume} = f(\text{Massa} + \text{Massa volúmica})$. O efeito massa explica 68% da variância explicada, o factor massa volúmica, 30%, e a interacção quase 2% (mas $F=1.79$, $p>.10$).

Para dois alunos, o padrão de integração é unifactorial mas desta vez só o factor massa volúmica é tomado em conta. Para o primeiro, este factor é visto como ligado positivamente com o volume, para o segundo, este factor é visto como ligado negativamente com o volume.

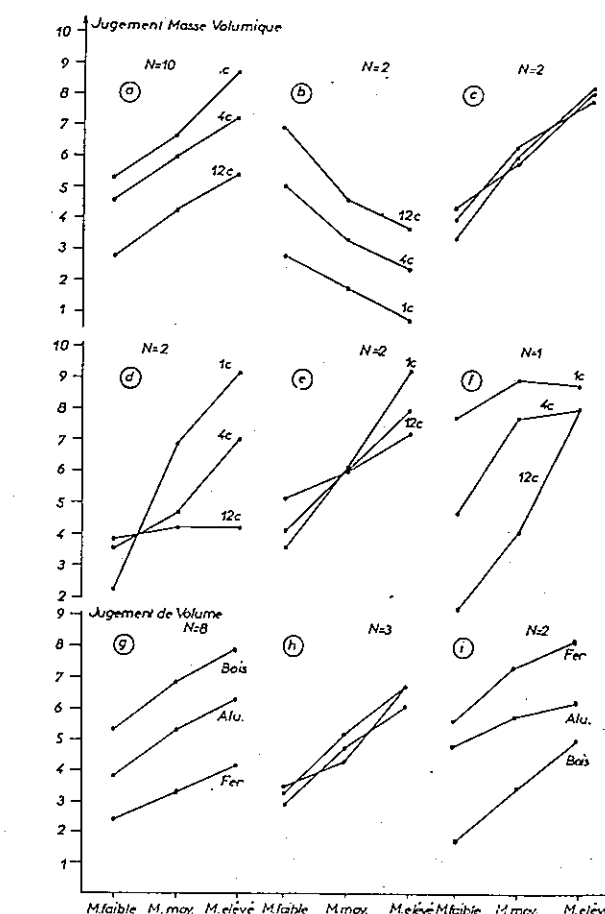
MASSA VOLÚMICA = MASSA $\star$ VOLUME?

O gráfico dos resultados médios sugere ainda um padrão de integração subtrativo: $\text{Massa volúmica} = f(\text{Massa} - \text{Volume})$. Mas as diferenças dum aluno para o outro, da mesma ordem que aquelas que foram observadas anteriormente, retiram muita da sua significação a este resultado médio.

Para 10 alunos o padrão de integração é francamente subtrativo; o padrão médio encontra-se representado na figura n.º 5a. Tudo se passa, neste caso, como se o julgamento da massa volúmica resultasse efectivamente da utilização da equação precedente.

te. Para este sub-grupo de alunos, o factor massa explica 53% da variância explicada, o resto é explicado pelo factor volume. A interacção não é significativa ($F=.42$).

Figura 5
Resultados empíricos relativos ao domínio das equações:
a) — f) $\text{Massa Volúmica} = \text{Massa} \star \text{Volume}$;
g) — i) $\text{Volume} = \text{Massa} \star \text{Massa Volúmica}$.



Para 2 alunos, o padrão de integração é igualmente subtrativo, mas contudo tudo parece passar-se como se o julgamento da massa volúmica resultasse da subtracção da massa ao volume: $\text{Massa volúmica} = f(\text{Volume} - \text{Massa})$. O padrão médio encontra-se representado na figura n.º 5b. Neste caso, o factor massa explica 41% da variância explicada. A interacção não é significativa ($F=2.42$).

Para 2 alunos ainda, o padrão é unifactorial. Só a informação relativa à massa parece ter sido tomada em conta: $\text{Massa volúmica} = f(\text{Massa})$. O padrão médio encontra-se apresentado na figura n.º 5c. Neste caso, o factor massa explica 98% da variância explicada e o factor volume não é significativo ($F=.38$).

Para 2 alunos, o padrão é sobretudo "divisivo" (figura n.º 5b), ainda que o ponto de intersecção das três curvas correspondentes às modalidades da variável volume se situe entre as modalidades de massa fraca e média. Pode-se, tratando-se destes dois alunos, escrever a equação seguinte: $\text{Massa volúmica} = f(\text{Massa} : \text{Volume})$. Esta equação não se aplica quando a massa é fraca. O factor massa explica neste caso 62% da variância, o factor volume 19% e o factor interacção 19% igualmente ($F=5.98$). O gráfico dos dois outros alunos parece-se fortemente (figura n.º 5e) com o dos dois anteriores. Trata-se desta vez dum gráfico em feixe. A interacção só é, contudo, marginalmente significativa ($F=13.63$, $p<.05$). Tudo se parece passar como se, na eventual-

dade massa fraca, a integração se efectuasse por multiplicação: Massa volúmica = f (Massa $\times$ Volume). Enfim, para um aluno (figura n.º 5f), as coisas parecem mais complexas ainda. Na eventualidade de massa elevada, o efeito do volume é desprezível. Na eventualidade de massa fraca, o efeito do volume é pelo contrário muito importante. Quanto mais o volume é elevado, mais a massa volúmica é considerada fraca. A equação susceptível de dar conta dum tal padrão de integração poder-se-ia escrever: Massa volúmica = f [Massa: (10 — Volume)]. O efeito da massa explica 46% da variância explicada, o efeito do volume 43% e o efeito da interacção 11% ($F=13,53$, $p<.01$).

OUTRAS APLICAÇÕES

Numerosos exemplos de aplicação do paradigma que acaba de ser descrito ao domínio intuitivo que manifestam crianças e adolescentes de noções elementares ou complexas da física ou das matemáticas podem ser encontradas na literatura. Estes estudos abordam:

- a relação entre superfície do rectângulo, comprimento e largura (Anderson, 1980; Anderson & Cuneo, 1978; Lautrey, Mullet, Paques, 1986; Leon, 1982; Wilkening et Sarris, 1975; Wilkening, 1979, 1980);
- a relação entre volume dum líquido, superfície da base do recipiente e altura (Anderson, 1983; Anderson & Cuneo, 1978);
- a relação entre volume dum cone, raio da base e altura (Wilkening, 1980);
- a relação entre massa volúmica, massa e volume (Mullet, 1985; Mullet & Vidal, 1986);
- a distinção entre peso e massa (Mullet & Gervais, 1987);
- a relação entre massa dum pêndulo, altura da queda, massa dum berlinda batido por esse pêndulo e distância de ejeção (Anderson, 1983);
- a relação entre período dum pêndulo, comprimento do fio e diversos outros factores (Mullet & Manfré, 1987);
- a relação entre peso dum objecto, comprimento do fiel da balança do lado do objecto, comprimento do fiel do lado oposto e carga capaz de equilibrar o fiel (Wilkening & Anderson, 1982);
- a relação entre impulsão de Arquimedes, densidade do líquido e volume do objecto imerso (Mullet & Montcouquiol, 1986);
- a relação entre cardinal dum conjunto de pontos e o seu tamanho e densidade (Anderson, 1980; Cuneo, 1982);
- a relação entre grandeza dum número a^n , a sua base e expoente (Mullet & Cheminat, 1986);
- a relação entre utilidade subjectivamente antecipada numa aposta, probabilidade de ganhar e ganho (Anderson, 1977, citado por Anderson, 1980; Hommers, 1980);
- a relação entre distância, tempo e velocidade de deslocação (Wilkening, 1980, 1981, 1984);
- a relação entre tempo de deslizamento ao longo dum plano inclinado, distância a percorrer e ângulo de inclinação (Anderson, 1983).

REFERÊNCIAS

Adelman, L. (1981). The influence of formal, substantive, and contextual task properties on the relative effectiveness of different forms of feedback in multiple-cue-probability-learning tasks. *Organizational Behavior and Human Performance*, 27, 423-442.

- Allal, L., Cardinet, J. & Perrenoud, P. (Eds.) (1979). *L'évaluation formative dans un enseignement différencié*. Berne: Lang.
- Anderson, N. H. (1980). Information integration theory in developmental psychology. In F. Wilkening, J. Becker, T. Trabasso, (eds.) *Information Integration by children*, Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum.
- Anderson, N. H. (1981). *Foundations of information integration theory*. New York: Academic Press.
- Anderson, N. H. (1982). *Methods of information integration theory*. New York: Academic Press.
- Anderson, N. H. (1983). Intuitive physics: Understanding and Learning of Physical relations. In T. J. Tighe, B. E. Shepp, (eds.) *Perception, Cognition and Development: Interactional analysis*, Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum.
- Anderson, N. H. (to appear). *Contributions to information integration theory*.
- Anderson, N. H. & Cuneo, D. O. (1978). The height $\times$ width rule in children's judgments of quantity. *Journal of Experimental Psychology: General*, 107, 335-378.
- Cuneo, D. (1982). Children's judgments of numeral quantity: A new view of early quantification. *Cognitive Psychology*, 14, 13-44.
- Dean, D. H., Hammond, K. R. & Summers, D. A. (1972). Acquisition and application of knowledge in complex inference tasks. *Journal of Experimental Psychology*, 92, 20-26.
- Favre, B. & Perrenoud, P. (1985). Organisation du curriculum et différenciation de l'enseignement. In E. Plaisance (Ed.), *L'«échec scolaire»: Nouveaux débats, nouvelles approches sociologiques*, Paris: C.N.R.S.
- Gillis, J. S., Stewart, T. R. & Grütz, E. R. (1975). New procedures: use of Interactive computer graphics terminals with Psychiatric patients. In K. R. Hammond & C. R. B. Joyce, (Eds.) *Psychoactive drugs and social judgment, theory and research*, New York: Wiley, 217-238.
- Hammond, K. R. (1971). Computer graphics as an aid to learning. *Science*, 172, 903-908.
- Hoffman, P. J., Earle, T. C. & Slovic, P. (1981). Multidimensional functional learning (M.F.L.) and some new conceptions of feedback. *Organizational Behavior and Human Performance*, 27, 75-101.
- Hommers, W. (1980). Information processing in children's choices among bets. In F. Wilkening, J. Becker & T. Trabasso, (Eds.) *Information integration by children*, Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum.
- Huteau, M. & Lautrey, J. (1978). L'utilisation des tests d'intelligence et de la psychologie cognitive dans l'éducation et l'orientation. *L'Orientation Scolaire et Professionnelle*, 7, 99-175.
- Lautrey, J., Mullet, E. & Paques, P. (1986). *Conservation, Perceptual judgment and individual differences*. Document du Laboratoire de Psychologie différentielle.
- Leon, M. (1982). Extent, multiplying, and proportionality rules in children's judgments of area. *Journal of Experimental Child Psychology*, 33, 124-141.
- Levasseur, J. & Chassaing, F. (1984). Evaluation de l'enseignement à l'école élémentaire. *L'Orientation Scolaire et Professionnelle*, 13, 5-16.
- Lindell, M. K. & Stewart, T. R. (1974). The effects of redundancy in multiple-cue-probability learning. *American Journal of Psychology*, 11, 377-389.
- Longeot, F. (1969). *Psychologie différentielle et théorie opératoire de l'intelligence*, Paris: Dunod.
- Mullet, E. (1985). Processus cognitifs et tests de connaissances. *Psychologie et Psychométrie*, 6, 51-70.
- Mullet, E. & Cheminat, A. (1986). *Exponential growth, information integration and individual differences*. Document du Service de Recherches de l'I.N.E.T.O.P.
- Mullet, E. & Gervais, H. (1987). *Les notions de masse et de poids chez des élèves de sixième*. Document du Service de Recherches de l'I.N.E.T.O.P.
- Mullet, E. & Manfré, D. (1987). *Intégration de l'information et période d'un pendule*. Document du Service de Recherches de l'I.N.E.T.O.P.
- Mullet, E. & Montcouquiol, B. (1986). *Intégration de l'information et notion de poussée d'Archimède*. Document du Service de Recherches de l'I.N.E.T.O.P.
- Mullet, E. & Vidal, D. (1986). La maîtrise intuitive des relations entre masse volumique, masse et volume chez des élèves du premier cycle. *European Journal of Psychology of Education*, 1, 47-65.
- Mumpower, J. & Hammond, K. R. (1974). Entangled task dimensions: An impediment to interpersonal learning. *Organizational Behavior and Human Performance*, 11, 377-389.
- Pelnaud, J. (1976). Nature et développement du raisonnement mathématique. *L'Orientation Scolaire et Professionnelle*, 5, 349-364.
- Piaget, J. (1963). Le développement des perceptions en fonctions de l'âge. In P. Fraisse et J. Piaget (Eds.), *Traité de Psychologie Expérimentale*, VI, La perception. Paris: P.U.F.
- Reuchlin, M. (1976). Formalisation et réalisation dans la pensée naturelle: une hypothèse. *Revue européenne des sciences sociales*, 14, 257-272.

- Slovic, P. & Lichtenstein, S. (1983). Preference reversals: A broader perspective. *American Economic Review*, 73, 596-605.
- Wigton, R. S. (1985). Computerized clinical decision aids. *M. D. Computing*, 2, 37-40.
- Wilkening, F. (1979). Combining of stimulus dimensions in children's and adults' judgements of area: an information integration analysis. *Developmental Psychology*, 15, 25-33.
- Wilkening, F. (1980). Development of dimensional integration in children's perceptual judgement: Experiments with Area, Volume and Velocity. In F. Wilkening, J. Becker & T. Trabasso, (Eds.), *Information integration by children*. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum.
- Wilkening, F. (1981). Integration velocity, time and distance information: a developmental study. *Cognitive psychology*, 13, 231-247.
- Wilkening, F. (1983). Children's knowledge about time, distance, and velocity interrelations. In W. J. Friedman (Ed.), *The developmental psychology of time*. New York: Academic Press.
- Wilkening, F. (1984). Children's intuitions about time savings. *Cahiers de Psychologie cognitive*, 4, 379-382.
- Wilkening, F. & Anderson, N. H. (1982). Comparison of two rule-assessment methodologies for studying cognitive development and knowledge structure. *Psychological Bulletin*, 92, 215-237.
- Wilkening, F. & Sarris, V. (1975). Information integration bei Kindern und Erwachsenen. Eine Überprüfung verschiedener psychophysischer Modelle. *Zeitschrift für Psychologie*, 183, 307-318.

ABSTRACT

COGNITIVE PROCESSES, SCHOLASTIC TESTS AND INDIVIDUAL DIFFERENCES

The utilisation of the methodology developed by Anderson (N. H.) in the framework of Information Theory is proposed for the construction of instruments of evaluation of knowledge, able to attain the information processing level in a simple way. An example, leaning on a notion of physics taught in the seventh year of education, is presented. This type of instrument may allow a direct adjustment between the pedagogic action and the evaluation.

RÉSUMÉ

PROCESSUS COGNITIFS, TESTS DE CONNAISSANCES ET DIFFERENCES INDIVIDUELLES

En s'inspirant de la méthodologie développée par Anderson (N. H.) dans le cadre de la théorie de l'intégration de l'information, on propose un mode de construction d'instruments d'évaluation des connaissances qui permette d'atteindre, de façon simple, les processus de traitement de l'information mis en oeuvre par les élèves. Un exemple, s'appuyant sur une notion de physique enseignée en cinquième est présenté. Ce type d'instrument devrait permettre un ajustement assez direct entre évaluation et action pédagogique. Le développement de l'équipement informatique dans les collèges rend ce type de procédure tout à fait compatible avec les contraintes de temps habituelles.

INSTRUÇÕES AOS AUTORES

- Devem ser enviadas três cópias (incluindo o original) do manuscrito, para o Director, Jornal de Psicologia, Rua das Taipas, 76 — 4000 PORTO.
- Os manuscritos não devem, ordinariamente, ultrapassar as 12-15 páginas, dactilografadas a 2 espaços. Todas as páginas devem ser numeradas sequencialmente. Deve incluir-se um resumo em português, o título do artigo em inglês e em francês, um resumo em inglês (abstract) e em francês (résumé); os resumos devem ter aproximadamente 150 palavras. Quadros, figuras, resumo, abstract, résumé e referências bibliográficas devem ser dactilografadas em páginas separadas.
- Da primeira página do manuscrito, devem constar as seguintes informações: a) Título do artigo; b) nome(s) e afiliação(s) institucional(ais) do(s) autor(es); c) morada actual do(s) autor(es).
- a) Os quadros devem ser numerados sequencialmente e devem ter título. Cada quadro deve constar de folhas separadas, e a sua localização aproximada deve ser indicada por uma linha do texto transcrita em separado (por exemplo: "O Quadro I entra aproximadamente depois da seguinte linha...").
b) Gráficos e outras figuras, também transcritos em folhas à parte, devem ser numerados sequencialmente (ex.: fig. 1, fig. 2, etc.), e a sua localização deve ser indicada de forma idêntica à dos quadros. As figuras devem ser desenhadas a tinta da China e cuidadosamente legendadas.
c) Nos casos em que se justifique, o Jornal de Psicologia poderá solicitar ao(s) autor(es) uma participação nos custos de reprodução de gravuras.
- As notas de rodapé, dactilografadas em separado, devem ser reduzidas ao mínimo, e numeradas sequencialmente, sendo publicadas no final do texto.
- As referências devem ser citadas ao longo do texto (e não em rodapé), constando do nome do autor(es) seguido do ano da publicação entre parêntesis. Por exemplo: "como Piaget (1964) fez notar..." ou "Krohne e Laux (1981) concluíram que...".
A lista de referências bibliográficas deve ser organizada alfabeticamente, tendo o cuidado de sublinhar, respectivamente o: a) Título da revista onde foi publicado o artigo; b) Título do livro; c) Título do livro onde foi publicado o artigo; d) Título da comunicação. Exemplos:
a) Artigos de revista
Abrami, P., Leventhall, L., e Perry, R. (1982). Educational Seduction. *Review of Education Research*, 52, 446-464.
b) Livros
Garber, J., e Seligman, M. (1980). *Human Helplessness*. New York: Academic Press.
c) Artigos em livros
Dunklin, M. (1985). Research on teaching in higher education. In M. C. Wittrock (Ed.) *Handbook of research on teaching* (3rd ed.). New York: MacMillan.
d) Comunicações
Margh, H., e Overall, J. (1979). *Validity of students evaluations of teaching*. Comunicação apresentada no Encontro Anual da American Educational Research Association, San Francisco.
Em caso de dúvida, os autores deverão consultar o APA Publishing Manual, 3rd edition (1983).
- São gratuitamente fornecidas ao(s) autor(es) 10 cópias do número do jornal em que saiu o respectivo artigo. Outras reimpressões dos artigos são fornecidas ao preço de custo mais encargos postais, se forem requisitadas quando o manuscrito é publicado.
- Qualquer manuscrito que não obedeça às instruções acima referidas, é passível de ser devolvido para a necessária revisão antes de ser publicado.
- Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos autores.
- Após a sua publicação no J.P. os artigos ficam a ser propriedade deste.

OPINIÃO PÚBLICA E MIGRAÇÃO

FÉLIX NETO (*)

UNIVERSIDADE DO PORTO

O autor propõe-se examinar, por um lado, as reacções da opinião pública da população de um país de acolhimento — França — a propósito da imigração e, por outro lado, apreciar os julgamentos emitidos pela população imigrante nesse mesmo país sobre a sua própria adaptação na sociedade receptora e sobre os autóctones. Para tal recorre-se a sondagens de opinião pública efectuadas por institutos especializados e cujas amostras sejam apresentadas como representativas.

Numerosas sondagens de opinião efectuadas depois da segunda guerra mundial permitem conhecer a atitude do público francês em relação à imigração, em diversos momentos da conjuntura. Quer antes quer após a eclosão da crise económica, a atitude do público francês em relação à imigração não está isenta de ambivalência. Se as sondagens atestam uma sensível atenuação da hostilidade em relação à imigração desde finais da segunda guerra mundial até ao dealbar da crise económica, já após essa data a atenuação da ambivalência diminui.

Já são mais raras e recentes as sondagens junto da população migrante sobre o modo como ela vê a população autóctone e como perspectiva a sua integração. Esta população também não está isenta de ambivalência.

A propósito da migração portuguesa há uma convergência entre ambos os grupos de sondagens, público francês e actores, em considerá-la como não passando por tão grandes dificuldades adaptativas como outros grupos étnicos.

1. Introdução

A facilidade de adaptação das comunidades migrantes depende, em grande parte, da atitude favorável prestada pela comunidade de acolhimento. A qualidade destas reacções pode ter um peso decisivo no devir migratório. Este facto tem sido amplamente reconhecido.

Já se tem dado menos atenção ao facto de que a população autóctone sofre também o impacto da chegada de um novo grupo. A presença deste modifica a estrutura dos grupos de acolhimento, podendo contribuir para a desestabilização do instituído através do confronto com outras condutas sociais, morais, religiosas, políticas... Para a comunidade receptora a interacção que se estabelece com a presença estrangeira, por consequência, também não é um processo fácil. Esta interacção entre as comunidades migrantes e as locais, se pode cair nos extremos de idealização ou de perseguição, também pode ser suficientemente equilibrada de modo a permitir um processo de conhecimento mútuo favorecendo a adaptação recíproca e progressiva entre ambas.

É nosso objectivo aqui examinar, por um lado, as reacções da opinião pública da população de um país de acolhimento de imigrantes há mais de um século (Tapinos, 1975) — a França — e, por outro lado, apreciar os julgamentos emitidos pela população imigrante nesse mesmo país da sua adaptação na sociedade receptora e dos autóctones. Para tal recorrer-se-á a sondagens de opinião pública efectuadas por institutos especializados e cujas amostras sejam apresentadas como representativas.

Depois dos Estados Unidos e do Canadá, a França é o único grande país industrializado cuja população é em grande parte de origem migrante. Um terço dos Franceses (18 milhões de pessoas) têm um estrangeiro entre os seus pais, avós ou bisavós. Ape-

sar disso o "efeito Le Pen" foi quase exclusivamente secretado a partir da temática de recusa da imigração.

As perspectivas dos observadores oscilam entre as duas imagens da França — 'melting-pot'/tensões xenófobas —. Efectivamente a opinião em relação à imigração e aos trabalhadores estrangeiros não é um dado simples que se alicerce num corpo de doutrina fixa. Forma-se e deforma-se segundo as circunstâncias (Girard, 1977). Se a atitude dos poderes públicos, do patronato e dos sindicatos em relação à imigração é ambígua, a atitude do público francês também não está isenta desta ambiguidade⁽¹⁾.

A hostilidade em relação à imigração foi-se atenuando desde a segunda guerra mundial até à eclosão da crise económica. Todavia uma nova configuração do meio é susceptível de modificar as atitudes, contribuindo para um bloqueio, senão agravamento, das interrelações.

Se para uns os imigrantes são os arautos de uma sociedade vindoura intercultural e dialogante, para outros representam os bárbaros que podem arrasar a civilização ocidental. Uns atribuem-lhe a culpabilidade da insegurança em que se está mergulhado, para outros são o bode expiatório dessa insegurança. Se para uns podem integrar-se recriando a alteridade, já para outros as diferenças são tão abissais que o regresso ao país de origem é inevitável. O debate sobre esse "fenómeno social total" que é a migração, tendo actualmente por pano de fundo a recessão económica e o desmoronamento de ideologias outrora solidamente ancoradas, denota as ansiedades e a ambivalência da opinião pública. Mas se tanta tinta tem corrido, de quilate por vezes oco por vezes verdadeiro, um panorama da opinião pública ficaria incompleto, caso os próprios actores que quotidianamente representam a cena no cenário dos outros, não fossem escutados.

2. Atitudes da população autóctone em relação à imigração

2.1. Evolução das atitudes desde o fim da segunda guerra mundial até à eclosão da crise económica (1974)

Numerosas sondagens de opinião efectuadas desde finais da segunda guerra mundial até aos nossos dias permitem conhecer a atitude do público francês em relação à imigração, em diversos momentos da conjuntura.

Os diversos inquéritos⁽²⁾ conduzidos junto do público nos anos que se seguiram à segunda guerra mundial, testemunham uma hostilidade ao próprio princípio da imigração.

Em 1945, à questão "É partidário de que se faça apelo à mão-de-obra e à imigração estrangeira...?" a resposta é desfavorável.

Do inquérito de Novembro de 1947 ressalta que muito embora os Franceses desejassem ver aumentar a população francesa, encaravam-no mais pela retoma da natalidade do que pelo recurso à imigração. 57% das pessoas interrogadas são hostis à imigração, 33% favoráveis e 10% declaram-se indiferentes ou não se pronunciam.

Esta hostilidade é confirmada e reforçada no inquérito de Novembro de 1949. À questão "de um modo geral, é partidário de instalar em França um certo número de estrangeiros?" as respostas evoluíram da seguinte maneira:

Respostas	Novembro de 1947	Novembro de 1949
Sim	33	25
Não	57	63
Indiferentes	7	8
Sem resposta	3	4

De modo simplificado, pode-se atribuir a atitude desfavorável em relação à imigração a três causas: um temor maltusiano, um temor xenófobo, ignorância das implicações da imigração (Tapinos, 1975).

A imigração, fosse ela desejada ou não, vai aumentar o seu fluxo nos anos subsequentes e em 1971 a maioria dos Franceses são de opinião que o número de estrangeiros em França é muito elevado (52% contra 41%) (Girard, 1971). Em 1974, 77% aprovam a decisão do Governo de bloquear a entrada de novos trabalhadores migrantes (Girard, Charbit & Lamy, 1974).

Transparece, pois, destas sondagens uma tendência hostil ao próprio princípio da imigração. Esta hostilidade é mais forte entre os operários e maioritária em todas as categorias socio-profissionais, à excepção dos quadros superiores e das profissões liberais.

A imigração, mais tolerada que acolhida favoravelmente, é um facto, aumentando progressivamente os seus efectivos após a segunda guerra mundial até à eclosão da crise económica. A questão que se pode levantar é como a população autóctone representa e tem reagido a esta presença ao longo do tempo.

Três inquéritos efectuados pelo INED, respectivamente em 1951, 1971 e 1974 permitem-nos seguir a evolução das atitudes do público francês em relação à imigração (quadro 1).

Em 1951 só metade da população considera benéfica a presença dos estrangeiros. Já em 1971 (68%)⁽³⁾ e sobretudo em 1974 (80%) a opinião segundo a qual os estrangeiros prestam benefícios está mais alargada.

Em 1971, a despeito do aumento dos efectivos estrangeiros, a opinião francesa mostrava-se menos reticente em relação à imigração que nos começos dos anos 50. "O que chama a atenção em 1973/74, em relação a 1971, é a grande estabilidade das opiniões..." (Girard, Charbit & Lamy, 1974, p. 1058). Em caso de crise, todavia, defende-se mais em 1974 do que em 1971 que seria necessário despedir os estrangeiros.

Pelo contrário, a igualdade entre Franceses e estrangeiros na atribuição de um alojamento é mais frequentemente encarado em 1974 que em 1971. Também em 1974 é um pouco mais frequente a opinião que os estrangeiros podem pouco a pouco misturar-se com os Franceses.

Surgem diferenças bastante acentuadas no que diz respeito às diferentes nacionalidades. Assim em 1974 aparecem três grupos hierarquizados:

Quadro 1
Atitudes em relação à imigração estrangeira (%)

	1951	1971	1974
A presença de estrangeiros:			
Presta serviços ao país	50	68	80
Não presta + depende + não sabe	50	42	20
Se sim, quais os serviços:			
Mão-de-obra	70	47	40
Trabalhos penosos	22	43	48
Outros	8	10	12
Em caso de forte crise de desemprego, despedir:			
Em primeiro lugar os estrangeiros	84	60	65
Indiferentemente Franceses e estrangeiros	13	36	29
Para um mesmo alojamento, dar a prioridade a:			
Um Francês	85	55	49
Estrangeiros e não fazer diferença	13	42	48
Os casamentos mistos são:			
Francês-estrangeira			
Coisa boa e indiferente	52	72	70
Coisa má	31	16	18
Francesa-estrangeiro			
Coisa boa e indiferente	36	58	56
Coisa má	47	27	29
Os estrangeiros:			
Ficam sempre estrangeiros	45	53	35
Misturam-se pouco a pouco	36	34	56

Fonte: Inquéritos do INED (1951, 1971, 1974).

— Para Africanos e Norte Africanos a atitude desfavorável é dominante, havendo abstenções.

— Para Italianos, Espanhóis e Portugueses transparece sobretudo uma atitude favorável, havendo poucas abstenções.

— Para Jugoslavos e Turcos sobressai um equilíbrio entre atitude favorável/desfavorável e uma abstenção (há uma hesitação em se pronunciarem sobre o caso de estrangeiros pouco numerosos e de imigração mais recente).

Os autores do inquérito interpretam as diferenças observadas segundo a acção de duas variáveis explicativas: a proximidade geográfica e a distância cultural.

A imagem dos Portugueses, em particular, de 1971 para 1974 evoluiu positivamente se tomarmos como indicador a percepção da sua adaptação. Em 1971, 49% dos Franceses eram de opinião que a adaptação dos Portugueses era fácil e em 1974, 57% emitiam essa mesma opinião.

Por consequência, as reticências em relação à imigração não são homogêneas e elas não se reforçaram com o correr dos anos e à medida que a presença estrangeira recrudescer. Nos alvares dos anos 70, emana dos inquéritos de opinião pública uma tendência para uma sensível atenuação das reticências da população francesa, em relação à imigração estrangeira. "Longe de se agravarem, os reflexos negativos antes se dissiparam, como testemunha a comparação das observações de hoje, com as de ontem e do pós-guerra" (Girard, 1977, p. 225). Se estas conclusões se aceitam como justas até ao desencadear da crise económica, poderemos ser tão optimistas depois?

2.2. Atitudes após a eclosão da crise económica

Sondagens posteriores a 1974, na sequência de uma nova configuração do meio, são indicativas de uma atitude mais desfavorável em relação aos migrantes que no começo dos anos setenta.

Assim o IFOP efectuou, entre 4 e 7 de Outubro de 1977 uma sondagem sobre a política de imigração em França (cf. "Le

(*) Professor Auxiliar da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

A correspondência sobre este artigo deverá ser enviada para: Félix Neto, F.P.C.E. — U. P., Rua das Taipas, 76, 4000 Porto.

Quotidien de Paris", 11/10/1977). O título do jornal onde aparecem os resultados é significativo: "Imigrados, o começo da rejeição". Esta sondagem revela que 57% dos Franceses são favoráveis a uma diminuição da mão-de-obra estrangeira nos próximos anos, que 56% aprovam a decisão de não fornecer mais novas cartas de trabalho aos estrangeiros, quer eles tenham o desejo de vir para França, quer eles estejam já em situação "irregular" ou ainda que contem trazer a família para junto de si; que 43% são favoráveis ao encorajamento dado às partidas voluntárias e enfim que 52% pensam que as tarefas efectuadas por trabalhadores imigrados podem ser realizadas por Franceses.

Uma sondagem efectuada em Novembro e Dezembro de 1978 pelo IFOP sobre o tema "As atitudes dos Franceses em relação ao desemprego" inclui várias respostas em que figura a percepção da presença estrangeira activa. "S e fosse necessário designar um ou mais responsáveis pelo desemprego, quem designaria?" (1.ª resposta) — 11% das pessoas interrogadas designam como primeiros responsáveis os trabalhadores estrangeiros. Quanto às medidas a que os Franceses concedem a maioria, vêm à frente as acções em favor dos jovens (33%) e o travão à imigração (16%) se bem que, quando elas são tomadas pelo governo, a grande maioria julga-as pouco ou nada eficazes.

A SOFRES efectuou uma sondagem entre simpatizantes da UDF e do RPR sobre o projecto de lei visando facilitar ao governo a expulsão de estrangeiros ou de trabalhadores imigrados. Os resultados foram publicados no "Nouvel Observateur" (2 de Julho de 1979). "Sabia que o parlamento examina actualmente um projecto de lei visando facilitar ao governo a possibilidade de expulsar estrangeiros ou trabalhadores imigrados. Você seria muito favorável, bastante favorável, bastante oposto ou muito oposto a esta medida?"

	simpatizantes da UDF (%)	simpatizantes do RPR (%)
muito favorável	10	28
bastante favorável	47	49
bastante oposto	28	11
muito oposto	6	5
sem opinião	9	7

Verificou-se que a maioria dos simpatizantes de ambas as formações partidárias eram favoráveis a tal projecto.

Também numa sondagem da SOFRES realizada entre 18 e 24 de Agosto de 1983 e publicada no "Le Parisien Libéré", a solução referida por 51% dos Franceses para lutar contra o desemprego era de "reenviar os trabalhadores imigrados para os seus países". A este propósito M. Pierre Mauroy, primeiro ministro na altura declara: "Não é pelo facto de um estereótipo ser partilhado por uma maioria de Franceses que ele se torna uma ideia justa" (in Migrants Nouvelles, n.º 91, 1983, p. 3).

Uma sondagem encomendada pelo "Magazine Hebdo" (13 de Abril de 1984) ao Instituto Indice-Opinion mostra que 60% dos Franceses interrogados esperam que a grande maioria dos imigrantes se instalará definitivamente em França. 3 em 4 pessoas entrevistadas lamentam no entanto essa expectativa, pois desejam que para o futuro da sociedade francesa se facilite o regresso definitivo ao país de origem.

A recusa da inserção na sociedade francesa é muito mais accentuada à direita que à esquerda. Todavia mesmo na esquerda encontra-se que mais de um socialista em cada dois, e perto de um comunista em cada três são partidários do regresso definitivo ao país de origem. Seria falacioso, segundo os resultados desta sondagem, pensar-se que as preferências dos Franceses vão evoluir, com a chegada das jovens gerações, mais abertas ou mais liberais. Pelo contrário, verifica-se que dos 18 aos 24 anos é-se

mais partidário do regresso dos imigrantes: 75,5%, isto é, nove pontos e meio mais que a geração seguinte (25/40 anos).

"A França conta perto de 4 milhões de imigrantes, pensa que a maioria deles":

	Conjunto da população	Simpatizantes da maioria	Simpatizantes da oposição
Instalar-se-á definitivamente no nosso país	60%	65%	60%
Regressará definitivamente ao país de origem	31%	25%	30%
Não sabe	9%	10%	10%

"Sempre a propósito dos imigrantes, deseja pessoalmente para o futuro da sociedade francesa que se facilite":

	Conjunto da população	Simpatizantes da maioria	Simpatizantes da oposição
O regresso definitivo ao país de origem	72%	55%	89%
A inserção definitiva na sociedade francesa	23%	39%	6%
Não sabe	5%	6%	5%

"Uma recusa maciça, mas uma resignação fatalista" é como são sintetizados estes resultados pelo apresentador da sondagem.

Uma sondagem efectuada pela SOFRES para o "Nouvel Observateur" (30/11/84) em 1984 mostra que mais de um quarto dos Franceses (27%) são a favor da campanha de Le Pen sobre a imigração. Os partidários de tal campanha recrutam-se mais no sexo masculino que no feminino. Têm mais frequentemente entre 35 e 65 anos, enquanto que os jovens e os idosos são mais reservados. Encontram-se sobretudo entre os pequenos comerciantes, artesãos, agricultores e em menor grau nos operários. O seu nível de instrução raramente atinge o superior e as preferências políticas encontram-se sobretudo no RPR. 44% dos simpatizantes deste partido aprovam tal campanha.

O bloco "anti-imigrantes" que se reconhece nas ideias de Le Pen reencontra-se noutras questões desta sondagem, pois 25% querem reenviar para seu país um grande número de trabalhadores estrangeiros: 68% são favoráveis à limitação do reagrupamento familiar; e 31% consideram que nos últimos vinte anos os trabalhadores imigrados desempenham um papel negativo para a vida económica do país. Esta última percentagem particularmente elevada não se explica exclusivamente pelo desemprego. Presentemente já não há tantos Franceses, como anos antes, a pensarem que os imigrantes são indispensáveis para a execução de tarefas desprezadas por eles. Em dez anos passou-se de 27% de sujeitos que aceitariam substituir os imigrantes no seu emprego para 49%.

"Se o governo enviasse os trabalhadores imigrados para o seu país, pensa que os Franceses estariam prontos a substituí-los nos empregos que ocupam actualmente (construção civil, limpeza, etc.)?"

	Inquérito "Elle/SOFRES" Novembro de 1974	Inquérito "Nouvel-Observateur/SOFRES" Novembro de 1984
Sim	27	49
Não	66	46
Sem opinião	7	5
	100%	100%

A pedido do "Mouvement contre le Racisme et pour l'Amitié entre les Peuples" (MRAP), a SOFRES realizou em Fevereiro de 1984 um inquérito junto da população residente em França, com mais de 14 anos, sobre o tema da coabitação com os imigrantes.

Os Franceses sobreavaliam a presença estrangeira em França, pois se esta é de cerca de 8%, 42% avaliam-nos em mais de 10%. A sobreavaliação é a tendência geral partilhada por todas as categorias da população. Se não causa admiração encontrarem-se mais frequentemente os partidários da extrema-direita nesse caso, já é de maior interesse o facto de mais de metade dos jovens dos 15 aos 24 anos, os sobreavaliarem.

A tendência a sobreavaliar o número de estrangeiros encontra-se também a propósito da comparação da situação actual com a dos anos 30. 69% dos Franceses são de opinião que há uma mais forte proporção de estrangeiros agora, que há meio século atrás.

Ilusões ópticas semelhantes transparecem a propósito da contribuição dos imigrantes para o orçamento social da nação, pois 53% dos Franceses pensam que os imigrantes recebem mais prestações do que versam quotizações.

Através destas questões que não são favoráveis aos imigrantes emergem ideias recebidas que correspondem a ideias falsas.

58% dos Franceses pensam ser demasiado forte a proporção de estrangeiros no seio da população francesa e só um terço pensa que tal não é um problema. A hostilidade à população migrante é elevada sobretudo entre os agricultores, os pequenos comerciantes e artesãos, as pessoas com instrução primária, os mais idosos (50 anos e mais) e entre a direita e a extrema-direita. Esta tendência só se inverte nos que recebem instrução superior e nos partidários da extrema-esquerda considerando sobretudo que a proporção de estrangeiros não constitui um problema.

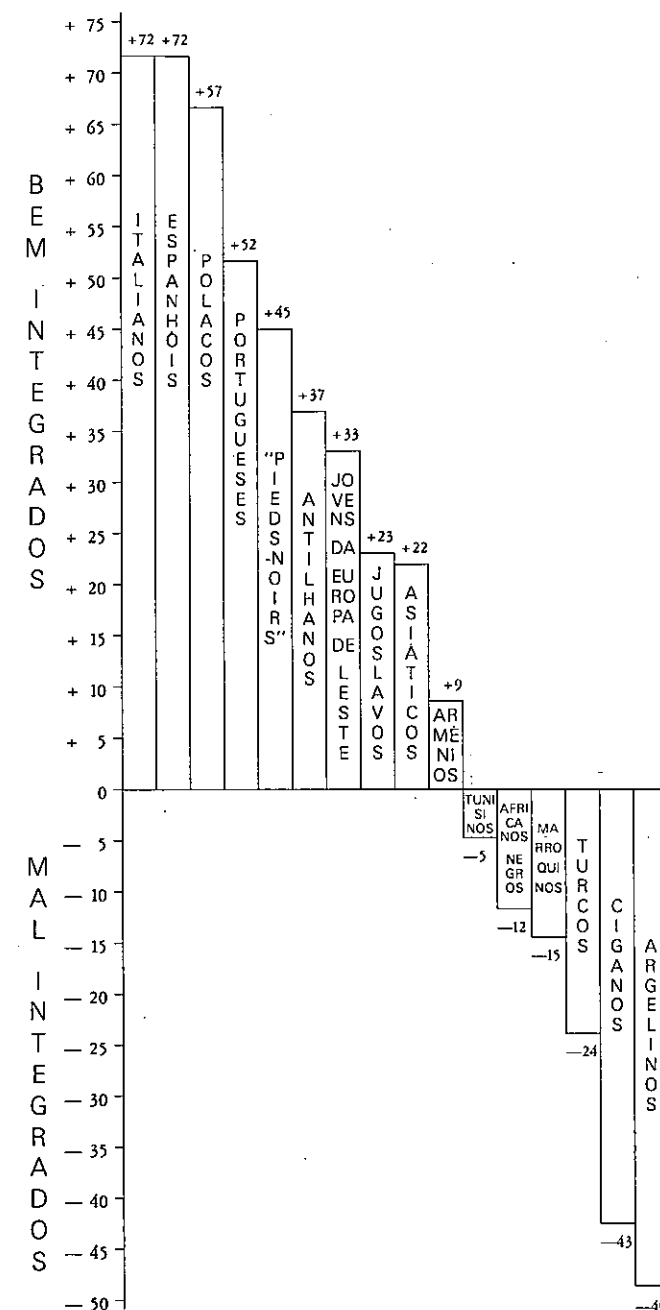
Deste estudo transparece igualmente que para os autóctones não existe uma imigração, mas imigrações, alvos de julgamentos diversificados.

Os julgamentos relativos à integração dos imigrantes filtram não só a imagem que a população autóctone tem da inserção dessas comunidades, mas também a imagem que tem dela própria, através das atitudes e comportamentos sobre o assunto. Quase todas as imigrações europeias, juntamente com os Antilhanos, são percebidas sobretudo como bem integradas (gráfico 1). O índice de integração dos Portugueses ocupa o 4.º lugar, logo a seguir aos Italianos, Espanhóis e Polacos. Todas as imigrações africanas são julgadas mais frequentemente mal integradas. Os Argelinos e os Ciganos são os únicos grupos étnicos a serem percebidos como mal integrados por mais de metade das pessoas interrogadas.

Perante percepções heterogêneas das comunidades étnicas e culturais não admira a emergência de sentimentos contraditórios. Por exemplo, a amostra aparece espartilhada a propósito das perspectivas de integração na sociedade francesa das diversas imigrações. O pessimismo é ligeiramente superior. 49% das pessoas interrogadas pensam que a maior parte destas comunidades não poderão ser integradas na sociedade francesa, pois são muito diferentes e 43% consideram o inverso.

A incerteza transparece igualmente a respeito da maneira de favorecer um melhor entendimento entre autóctones e imigrantes. Se a hipótese segregativa é defendida por pouco mais de 1 sujeito em cada 10 (12%), a obrigação de fusão encontra-se num entrevistado em cada quatro (27%). Ambas as soluções encontram pois um sucesso limitado. O esforço de adaptação para viver "como os Franceses" que metade da população exige aos imigrantes, não é contrabalançado pelos 31% que esperam um esforço dos autóctones.

Gráfico 1
O índice de integração das diferentes comunidades na sociedade francesa



Fonte: Inquérito da SOFRES para o MRAP (Janeiro, Fevereiro de 1984). O índice de integração é a diferença entre o julgamento "Bem integrado" e "mal integrado" efectuado para cada comunidade.

A ambivalência da população francesa perante o fenómeno migratório transparece igualmente nas opiniões relativas a três problemas: a segurança, o mercado de emprego e a cidadania política. Um sujeito em cada dois pensa que os imigrantes não vivem na insegurança. Todavia, cerca de um terço (35%) têm a opinião contrária e 15% não se pronunciam. Se cerca de um terço (35%) concorda com a ideia de que "a manutenção dos imigrantes em França só se justifica se ocupam os empregos que os Franceses não quiserem", mais de metade da amostra (54%) rejeita-a. Para a maioria da população, cidadania política e nacionalidade deveriam confundir-se. Assim, 63% mostra-se francamente reticente em relação à eventualidade do direito de voto outorgado aos

imigrantes nas eleições autárquicas. Destes, 17% recusam o direito de voto a todo o estrangeiro mesmo se naturalizado. 33% pensam que os imigrantes deveriam ter esse direito com a condição de terem tempo de estadia mais ou menos longo. A abertura é maior à esquerda, pois 56% dos simpatizantes da extrema esquerda e 47% dos simpatizantes da esquerda são favoráveis ao direito de voto dos imigrantes nas eleições autárquicas.

3. Atitudes da população migrante

Se se dispõe de um certo número de sondagens de opinião sobre as atitudes dos autóctones em relação ao fenómeno migratório desde finais da segunda guerra mundial até aos nossos dias, já são mais raras e mais recentes as sondagens junto da população migrante sobre o modo como ela vê os autóctones, o julgamento que efectuam sobre a sociedade francesa e como perspectivam a sua integração no país de destino. É obvio que de numerosos inquéritos efectuados junto de amostras restritas de populações migrantes brotam fecundas informações a esse respeito. Todavia, aqui limitamo-nos, como já se precisou, a fazer menção a inquéritos que se reclamam de representativos.

A sondagem efectuada pelo IFOP no mês de Março de 1978 junto de uma amostra representativa de 208 Portugueses e de 217 Argelinos, dos dois sexos, dos 16 aos 24 anos, mostra que os jovens imigrantes desejam integrar-se na sociedade francesa. A taxa de pertença a sindicatos relativamente elevada, o interesse manifestado em votar nas eleições autárquicas e a vontade de participar em associações com os Franceses, revelam um desejo de participação na sociedade francesa. Este desejo é também marcado pelo acolhimento favorável ao casamento misto, não se encontrando para os Portugueses diferenças significativas entre as opiniões dum casamento Portuguesa-Francês (83%) e Português-Francês (85%). A taxa de jovens tendo relações de amizade com os Franceses é também elevada (84% dos jovens portugueses). Todavia o facto de só 25% dos jovens Portugueses terem nas suas perspectivas de futuro a intenção de ficar definitivamente em França deixa transparecer que o processo adaptativo não está isento de problemas. Por exemplo, esta sondagem mostra que mesmo se os Portugueses não são tão vítimas de xenofobia como os Argelinos, também estão sensibilizados a esta hostilidade. Também ressalta que os jovens estrangeiros ocupam praticamente as mesmas funções no emprego que os seus pais.

Da sondagem efectuada por Gallup-Faits et Opinions para "L'Express" em Dezembro de 1982 junto de uma amostra representativa da população migrante masculina originária dos três países do Magrebe (Argélia, Tunísia, Marrocos), da Espanha, da Itália e de Portugal, ressalta uma satisfação suscitada pelo processo adaptativo e uma integração diferenciada segundo os diversos aspectos da vida quotidiana considerados e a origem étnica.

Os imigrantes declaram sentir-se bem em França: 93% exprimem esta opinião e manifestam em relação a diversos aspectos da vida quotidiana grande satisfação. Todavia, deixam algo a desejar as relações com a administração, a falta de dinheiro, as saudades e o clima.

Perante uma tonalidade geral de satisfação aparece uma clivagem em diversos aspectos entre Latinos e Magrebinos. Os Magrebinos sofrem muito mais que os Latinos com as condições de alojamento e de trabalho, sentem mais a falta de dinheiro, enfim temem mais serem expulsos de França. A amostra encontra-se espalhada entre partir (45%) ou ficar (43%), mas 54% dos Magrebinos pensam regressar ao país de origem contra 36% dos Latinos.

Idêntico contraste de opiniões é reflectido pelos resultados da sondagem efectuada por IPSOS para "Le Point" em Setembro de 1983 junto de uma amostra representativa da população estrangeira residente em França (18 anos e mais). A maioria dos sujeitos declararam-se satisfeitos de viverem em França (66%). Es-

ta satisfação, se varia de um grupo étnico para outro, esbarra com uma dificuldade de monta: o racismo. Se os imigrantes julgam os Franceses acolhedores (63%), simpáticos (73%) e tolerantes (63%) são mais numerosos a considerá-los racistas (45%) que antiracistas (35%). Porquê um tal racismo? Porque se critica aos imigrantes, declaram, de não se integrarem na sociedade francesa (26%), de agravarem a insegurança (25%) e o desemprego (72%).

Para além do racismo, os imigrantes declaram sofrer sobretudo com as condições de alojamento (53%), de trabalho (44%), das saudades (25%). Apesar disso, uma grande maioria (75%) considera que a França é o país europeu mais acolhedor: é "o país das liberdades" e é mais fácil encontrar trabalho e vantagens sociais que no país de origem.

Para além da integração diferenciada dos imigrantes segundo os aspectos da vida quotidiana considerados, as origens étnicas consideradas e dos julgamentos globalmente positivos sobre o país de implantação e os autóctones, que sondagens examinadas anteriormente puseram em evidência, o inquérito efectuado pela SOFRES para "Actuel" em Dezembro de 1984 junto de uma amostra com mais de 14 anos, habitando a região parisiense, sobre "a França e os Franceses vistos pelos imigrantes" mostra que do ponto de vista cultural os imigrantes adoptam uma atitude mais tradicionalista que inovadora.

O desejo de integração dos imigrantes na sociedade de destino foi avaliado pelo recurso a várias questões complementares: ficaria satisfeito ou insatisfeito se a sua filha casasse com um Francês? Se pudesse voltar atrás, viria viver e trabalhar em França? Enfim, gostaria de ter a nacionalidade francesa? 72% dos imigrantes aceitam a eventualidade de um casamento com um Francês, 28% declarando que ficariam satisfeitos com um tal casamento para a sua filha e 44% que lhe seria indiferente. Encontra-se uma proporção idêntica de sujeitos (69%) que não lamentam ter vivido em França. Se os imigrantes estão satisfeitos por viverem em França, se acolheriam os Franceses na sua família, nem por isso desejam tomar a nacionalidade francesa (sim: 32%, não: 60%).

Estes resultados globais diferenciam-se no entanto segundo os grupos étnicos — Magrebinos, Europeus do Sul, Asiáticos, Negros (gráficos 2, 3, 4). Limitando aqui os comentários aos Europeus do Sul podemos aperceber-nos de que é neles que transparece a maior satisfação por viverem em França (82% voltariam) e são favoráveis ao casamento misto. Não são todavia muito adeptos de tomarem a nacionalidade francesa. O forte desejo de regressarem ao país de origem (Neto, 1986) após alguns anos passados no estrangeiro, contribui decisivamente para tal opção.

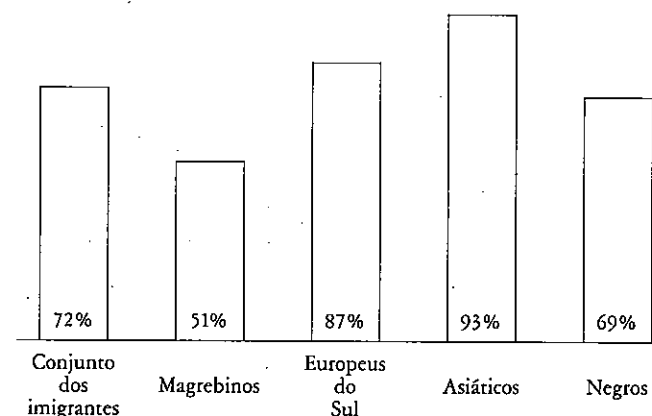
Os julgamentos emitidos pelos imigrantes sobre os Franceses têm uma polaridade extremamente positiva: 71% julgam-nos honestos, 75% educados, 57% bonitos, 72% limpos, 57% generosos e 55% desenrascados. Só os Negros se dissociam, mas muito parcialmente, deste quadro a propósito da honestidade e da educação. Uma mancha negra neste quadro é o racismo atribuído a cerca de um terço dos Franceses (30%).

Um outro aspecto positivo no julgamento da sociedade de destino é que a maioria dos imigrantes sentem-se em segurança, pois 66% declaram sentir raramente/nunca um sentimento de insegurança.

Uma proporção próxima de sujeitos opina que não teme deixar a França no seguimento da campanha contra os imigrantes (60%). Todavia perto de um terço dos entrevistados expressam a opinião contrária. Os menos inquietos são os Asiáticos (22%) e os mais inquietos são os Negros (39%), resultados que correspondem às percepções diferenciadas do racismo e da insegurança. Os Europeus do Sul aparecem bastante representativos da opinião pública migrante a propósito da insegurança, do racismo e do temor de deixar a França.

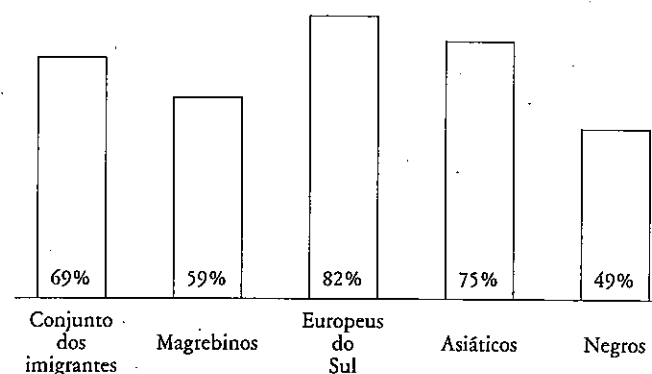
Se as questões do inquérito SOFRES/Actuel que vimos examinado confirmam e precisam dados de outras sondagens previamente passadas em revista, já um terceiro grupo de questões relativas às atitudes tradicionais/inovadoras dos imigrantes são talvez as mais significativas deste inquérito.

Gráfico 2
A integração familiar segundo o grupo de pertença
"Estariam satisfeitos ou indiferentes se a sua filha quisesse casar com um Francês"



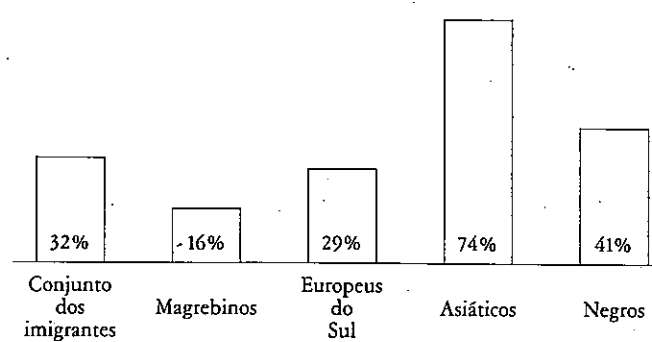
Fonte: Inquérito sobre "A França e os Franceses visto pelos imigrantes" realizado pela SOFRES para Actuel (Dezembro de 1984).

Gráfico 3
A integração social segundo o grupo de pertença
"Se voltasse atrás, viria viver e trabalhar em França"



Fonte: Inquérito realizado pela SOFRES para Actuel (Dezembro de 1984).

Gráfico 4
A integração na nação francesa segundo o grupo de pertença
"Gostariam de ter a nacionalidade francesa"



Fonte: Inquérito realizado pela SOFRES para Actuel (Dezembro de 1984).

Quadro 5

Simpatia dos migrantes em relação a diversas personalidades

		Sim- patia	Anti- patia	Não conhece	Sem opinião
Jacques Chirac	100%	36	21	6	37
François Mitterand	100%	52	17	—	31
Jean-Marie Le Pen	100%	4	53	19	24
Valéry-Giscard d'Estaing ..	100%	46	21	5	28
Georges Marchais	100%	31	37	8	24
Raymond Barre	100%	38	23	10	29
Michel Rocard	100%	38	12	23	27
Simone Veil	100%	38	18	16	28
Jean-Paul Belmondo	100%	70	8	8	14
Mireille Mathieu	100%	63	16	9	12
Michel Platini	100%	62	11	10	17
Alain Delon	100%	60	19	9	12
Renaud	100%	43	14	26	17

Fonte: Inquérito da SOFRES para Actuel (Dezembro de 1984).

Os imigrantes sentem simpatia por Belmondo (70%), Mireille Mathieu (63%), Platini (62%) e por Alain Delon (60%) (quadro 5). A personalidade política mais popular em França é François Mitterand. De notar que o escore de Georges Marchais é muito elevado em relação à opinião francesa (31%).

Reclamar-se-ão os imigrantes da esquerda? Perto de um imigrante em cada quatro (24%) declara ignorar as noções de esquerda e de direita. Entre os que tomam posição a amostra aparece espartilhada: 21% classificam-se sobretudo à esquerda e outros tantos sobretudo à direita. Esta clivagem reflecte a posição dos Europeus do Sul. Pelo contrário, se os Marroquinos e sobretudo os negros se voltam para a esquerda, os Asiáticos situam-se claramente na direita.

Se os imigrantes evitam um maior pendor à esquerda ou à direita ou se sentem uma simpatia especial pelos Presidentes da República sejam da esquerda ou da direita, já é de admirar mais o seu conservantismo étnico na medida em que 4 em cada 10 imigrantes consideram demasiado forte a proporção de imigrantes no seio da população francesa. Esta desconfiança em relação aos outros estrangeiros sobressai sobretudo nos Europeus do Sul (46%).

4. Conclusão

À semelhança do que se tem verificado noutros contextos culturais, uma nova configuração do meio, fruto da crise económica, pôde modificar as atitudes do público francês em relação à imigração.

Se nesse país diversas sondagens atestam uma sensível atenuação da hostilidade em relação à imigração desde finais da segunda guerra mundial até ao dealbar da crise económica, já após essa data a atenuação da ambivalência dos Franceses em relação à imigração diminui.

Não existe uma imagem homogênea da imigração em França. Há um mosaico de imigrações que a opinião pública diferencia. A imagem da comunidade portuguesa, em particular, emerge como lhe sendo favorável.

Nos inquéritos conduzidos junto do público logo nos anos que se seguiram à segunda guerra mundial, a atitude em relação aos Portugueses ainda não era estudada, pois eram, então, pouco numerosos⁽⁴⁾. Nos inquéritos efectuados nos anos 70 e 80 já podemos apreciar essas atitudes. A imagem dos Portugueses aparece como positiva, o que poderia facilitar a sua inserção. "O Português é um bom trabalhador" ouve-se dizer constantemente. "Trabalhador sério, bebendo pouco, nada desordeiro, não se vê praticamente na prisão nem se mistura na política" (Barros-Ferreira, 1978, p. 538). Dos inquéritos do INED efectuados em 1971 e 1974 pode-se concluir que entre essas datas a imagem dos Portugueses evoluiu positivamente, já que 49% e 57% da po-

pulação autóctone, respectivamente, emitiram a opinião de que a adaptação dos Portugueses era fácil. Esta imagem não parece deteriorar-se, mesmo se os dados disponíveis são escassos, com o avançar da crise económica, pois em 1984 (inquérito MRAP/SOFRES) 70% pensam que a comunidade portuguesa está bem integrada contra 18% que julgam o contrário. Todavia, mesmo se a comunidade portuguesa, depois da crise económica, aparece com uma imagem positiva, tal não é sinónimo de uma ausência de dificuldades encontradas na vida quotidiana. Em particular, a comunidade portuguesa tem estado cada vez mais sensibilizada ao racismo (Neto, 1986).

De modo global a adaptação dos imigrantes, segundo os seus próprios actores, aparece relativamente satisfatória. Os imigrantes não lamentam na sua maioria de viverem em França, traçam um balanço bastante positivo do país de acolhimento e dos autóctones, mesmo se não aspiram a tornarem-se Franceses e muitos deles perspectivam regressar ao país de origem.

Por detrás deste balanço global aparecem perfis diferenciados dos diferentes grupos étnicos. Se as sondagens não deixam transparecer grandes dificuldades adaptativas para os Portugueses, já não se pode dizer o mesmo dos Asiáticos e dos Negros.

Talvez, para muitos observadores, um dos pontos mais surpreendentes para que nos chama a atenção o levantamento da opinião pública junto de populações migrantes, sejam as atitudes com acentuado pendor tradicionalista. A imagem do "homem peregrinus" contemporâneo auto-reflectida não se assemelha tanto à dos bárbaros dos tempos antigos, nem à dos bons selvagens dos tempos modernos, como à dos autóctones que encontra perto dele procurando no confronto da sua semelhança e da sua diferença elaborar as identidades migratórias susceptíveis de permitirem um processo adaptativo em terra estranha imbuído de um relativo bem-estar.

NOTAS

(1) Cf., Briot, Verbunt, 1981, pp. 107-153, para uma análise das diferentes "famílias de espírito". Por exemplo o psicólogo social Cornaton escrevera a este propósito: "Face a estes estrangeiros, o comportamento dos Franceses é bastante contraditório: o povo francês é ao mesmo tempo um dos povos mais acolhedores e mais xenófobos" (Cornaton, 1969, p. 38).

(2) O IFOP conduziu um inquérito em 1945 e o INED dois, um em Novembro de 1947, outro em Novembro de 1949.

(3) Entre o inquérito do INED (1971) e um da SOFRES (1971) há coincidência quanto à percentagem de pessoas interrogadas que consideram a imigração como "útil" (68%).

A SOFRES tinha perguntado: "Há actualmente em França numerosos trabalhadores estrangeiros, que ocupam por vezes empregos penosos. Pensa que estes trabalhadores são para a economia francesa..."

muito úteis	18%	68%
preferencialmente úteis	50%	
preferencialmente inúteis	17%	25%
inteiramente inúteis	8%	
sem opinião	7%	
Total	100%	

(4) Relembre-se que em 1950 os Portugueses representavam 1% dos imigrantes em França e em 1975 cerca de 22%.

PANORAMA DAS ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO DAS TOXICODEPENDÊNCIAS EM ESCOLAS SECUNDÁRIAS DO DISTRITO DO PORTO

JORGE NEGREIROS DE CARVALHO (*)

UNIVERSIDADE DO PORTO

O objectivo deste estudo consistiu em avaliar as principais características das estratégias de prevenção desenvolvidas na área do abuso de álcool e drogas em escolas secundárias do Distrito do Porto. As características dessas intervenções, nomeadamente: 1) A sua fraca intensidade; 2) A ausência de procedimentos de avaliação e; 3) A sua centração na disseminação de conhecimentos sobre drogas, permite concluir que o objectivo destes esforços não consistirá, essencialmente, em modificar o comportamento do adolescente em relação ao consumo de álcool e outras drogas, representando, antes de mais, uma resposta a uma exigência da comunidade ou a interesses profissionais dos educadores. É ainda sugerido que, em vez de proceder a uma implementação em larga escala deste tipo de intervenções, seria importante determinar as características associadas a um programa de prevenção eficaz.

A missão da educação tem sido tradicionalmente concebida de forma a incluir objectivos que visem a prevenção de diferentes problemas sociais e/ou psicológicos. A crença de que a educação pode solucionar problemas sociais, encontra-se, mais hoje que no passado, sólidamente estabelecida.

A escola é, deste modo, reconhecida uma função de particular relevância, não só no desenvolvimento de «comportamento pró-sociais» (Harris, Eisenberg e Carol, 1982) mas na promoção da saúde física e psicológica do indivíduo. Admite-se, dum modo geral, que a posição que a escola ocupa nesta área é claramente privilegiada, pois a ela têm, virtualmente, acesso todas as crianças (Wagner e Zins, 1985). Problemas relacionados com a saúde mental (Zins e Ponti, 1985), a adaptação social, o comportamento sexual e o consumo de álcool e drogas (Botvin, Renick e Baker, 1983), constituem áreas frequentemente exploradas em contextos educativos, reflectindo a perspectiva de que cabe também à escola a responsabilidade de influenciar, adquadamente, o desenvolvimento do indivíduo em todas as dimensões da sua existência.

As intervenções em escolas secundárias versando o tópico «Consumo de drogas», têm registado, nos últimos anos, uma aceitação e difusão crescentes. O objectivo deste estudo, consistiu, assim, em proceder ao exame das principais características das acções desenvolvidas em escolas secundárias do Distrito do Porto, no domínio da prevenção das toxicodependências. O conhecimento dessas características reveste alguma importância, não só porque permite delinear um quadro global da situação neste domínio, mas porque possibilita, igualmente, perspectivar a introdução de modificações, destinadas a aumentar a eficácia destas intervenções.

Método

Os resultados que a seguir se descrevem referem-se à aplicação de um questionário enviado a todas as escolas secundárias do Distrito do Porto (n=50). Em anexo seguiu igualmente uma carta, dirigida ao Presidente do Conselho Directivo da escola, onde se explicitavam os objectivos do estudo e se solicitava a colaboração para o preenchimento do questionário e sua posterior

devolução. Sublinhava-se, ainda, que a resposta às diferentes questões poderia ser efectuada pelo docente e/ou elemento da escola que o Conselho Directivo considerasse mais indicado no sentido de fornecer as informações solicitadas.

Do total das escolas inquiridas, trinta e duas (64% do total) devolveram o questionário correctamente preenchido.

O instrumento incluía seis questões destinadas a identificar as principais características das intervenções, desenvolvidas nas respectivas escolas, na área da informação/prevenção do consumo de álcool e outras drogas. Especificamente, procurou-se determinar: 1- O período em que as intervenções ocorreram; 2- A sua duração; 3- A quem se dirigiram; 4- Tipo de profissionais ou instituição responsável pela sua implementação; 5- Procedimentos destinados a avaliar os efeitos das estratégias de prevenção; e 6- Percepção da eficácia das intervenções do ponto de vista das instituições onde foram implementadas.

Resultados

Das trinta e duas escolas que devolveram o questionário, foram realizadas acções de informação sobre drogas em vinte (63% do total).

No que se refere ao período em que as intervenções ocorreram, agrupam-se as respostas em três categorias fundamentais: 1) Intervenções anteriores a 1975; 2) Intervenções realizadas entre 1975-1980; 3) Intervenções ocorreram após 1980.

Nenhuma das escolas inquiridas relatou a realização de acções de prevenção sobre toxicodependências durante o período que antecede o ano de 1975. Na maioria das escolas (75%) as intervenções ocorreram após 1980, tendo as restantes escolas situado a efectivação de sessões de informação sobre drogas no período que decorre entre 1975 e 1980.

No que diz respeito à duração das intervenções, tratou-se, basicamente, de distinguir entre as intervenções de «curta duração», definidas como não podendo exceder um dia de duração, e as intervenções «prolongadas», as quais implicavam a realização de estratégias e/ou actividades que se prolongavam por mais que um dia e/ou incluíam mais que uma sessão. Com base neste critério, verificou-se que a quase totalidade das intervenções (cerca de 90%) podiam ser descritas como sendo de «curta duração». Nas duas escolas onde foram efectuadas intervenções «prolongadas», a população-alvo era constituída exclusivamente por estu-

REFERÊNCIAS

- Barros-Ferreira, M. (1978). L'immigrant portugais et "son" hystérie ou l'hystérie de l'immigration. *L'évolution psychiatrique*, XLIII, 521-548.
- Briot, F., & Verbunt, G. (1981). *Immigrés dans la crise*. Paris: Les Éditions Ouvrières.
- Cornaton, M. (1969). Aspects psychosociologiques de l'immigration. *Economie et Humanisme*, 189, 34-40.
- Girard, A. (1971). Attitudes des Français à l'égard de l'immigration étrangère. Enquête d'opinion publique. *Population*, 5, 827-875.
- Girard, A. (1977). Opinion publique, immigration et immigrants. *Ethnologie Française*, 7, 219-228.
- Girard, A., Charbit, Y., & Lamy (1974). Attitudes des Français à l'égard de l'immigration étrangère. Nouvelle enquête d'opinion. *Population*, 6, 1015-1068.
- Migrants Nouvelles, n.º 91 (1983). Paris: CNDR.
- Neto, F. (1986). *A migração portuguesa vivida e representada: Contribuição para o estudo dos projectos migratórios*. Porto: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas.
- SOFRES, (1971). *Hommes et Migrations/Documents*, N.º 804, 3-10.
- Tapinos, G. (1975). *L'immigration étrangère en France*. Paris: PUF/INED.

ABSTRACT

PUBLIC OPINION AND MIGRATION

In this article the author has two main purposes. On one side he aims to examine the reactions of the public opinion of a receiving country — France — about the emigration and, on the other side, he analyses the judgements that emigrants in that same country express about their own adaptation to the local society and those related to the local society itself. Researches in the public opinion made by specialized institutions with samples that are representative, show that the attitude of the french public towards emigration is ambivalent, not only in the years after World War II, although in a less degree, but also and mainly, after the burst of the economic crisis in the early seventies.

Less frequent and more recent are the gatherings of opinions in the migrant population about their feelings towards the local population and the way they see their own integration. Here also, the ambivalence is present.

Regarding the portuguese migration both groups, residents and migrants, agree that she hasn't so much difficulties of adaptation as other ethnic groups have.

RÉSUMÉ

OPINION PUBLIQUE ET MIGRATION

L'auteur se propose d'examiner, d'un côté les réactions de l'opinion publique de la population d'un pays d'accueil — la France — à propos de l'immigration et, d'un autre côté, les jugements émis par la population immigrée dans ce même pays sur sa propre adaptation à la société de destination et aux autoctones. Pour atteindre ces buts on a eu recours aux sondages d'opinion publique faites par des instituts spécialisés et dont les échantillons soient présentés comme étant représentatifs.

De nombreux sondages d'opinion effectués après la seconde guerre mondiale permettent de connaître l'attitude du public français par rapport à l'immigration, à divers moments de la conjoncture. Soit avant soit après l'éclatement de la crise économique, l'attitude du public français par rapport à l'immigration n'est pas exempte d'ambivalence. Si les sondages témoignent une sensible décroissance de l'hostilité envers l'immigration depuis la fin de la seconde guerre jusqu'au début crise économique, après celle-ci, l'ambivalence n'est plus en décroissance d'atténuation.

Les sondages auprès de la population immigrée sur la façon dont elle perçoit la population d'accueil et son intégration sont plus rares et récentes. Cette population n'est pas non plus exempte d'ambivalence.

À propos de la migration portugaise il se trouve une convergence entre tous les deux sondages, auprès du public français et des acteurs, à la considérer comme n'ayant pas tant de difficultés d'adaptation que d'autres groupes ethniques.

(*) A correspondência para este artigo deverá ser enviada para Jorge Negreiros de Carvalho, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto — Rua das Taipas, 76, 4000 Porto — Portugal.

dantes, tendo as actividades sido desenvolvidas no âmbito de uma investigação. Assim, um estudo teve como objectivo avaliar a eficácia de um programa de prevenção no que se refere ao seu impacto nos conhecimentos e atitudes em relação ao álcool e outras drogas, assim como nos níveis de consumo dessas substâncias. Outra investigação procedeu a uma avaliação dos efeitos do programa numa variável da personalidade - a auto-estima.

A fraca intensidade das intervenções efectuadas junto das escolas abrangidas por este inquérito, poderá, eventualmente, explicar a adopção privilegiada de métodos baseados numa mera exposição de informações sobre drogas. Com efeito, em 85% das escolas, as intervenções assumiram a forma de uma exposição sobre o tema, à qual se seguia um debate com a audiência. O recurso a métodos mais activos, envolvendo uma maior participação dos sujeitos (discussões em pequenos grupos, role-play, etc) ocorreu unicamente em três das vinte escolas que referiram a realização de intervenções no domínio do consumo de álcool e drogas.

Outra questão que este estudo examinou relaciona-se com a identificação dos «destinatários» das intervenções preventivas. Contrariamente ao que seria de supor, a população-alvo destas intervenções não é, primordialmente, constituída por estudantes. De facto, em 25% dos casos as intervenções dirigiram-se, exclusivamente, a professores, e sómente 15% das acções se destinaram a estudantes. Dez por cento foram dirigidas a encarregados de educação. No entanto, a fórmula mais utilizada consistiu em expor, simultaneamente, professores e alunos, à mesma «mensagem» sobre drogas. Repare-se que em cerca de 50% das escolas foi este o procedimento adoptado e que metade destas escolas optou ainda pela realização de intervenções que reuniram, no mesmo espaço, professores docentes, estudantes e encarregados de educação.

Diversas instituições e/ou profissionais foram responsáveis pela organização e implementação destas «acções de informação» sobre drogas. No entanto, o número mais significativo das intervenções desenvolvidas nesta área surge associado à actividade do Centro de Estudos e Profilaxia da Droga, quer através da colaboração de professores-mediadores quer como resultado da acção de diferentes técnicos pertencentes à referida instituição. Referem-se, de seguida, outras instituições responsáveis pela realização de intervenções junto das escolas abrangidas por este estudo: Sociedade Anti-Álcoólica (duas escolas); Associação «Le Patriarche» (uma escola); Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (uma escola). Em 30% das escolas, as intervenções foram conduzidas por psiquiatras ou psicólogos, convidados a título pessoal pelos órgãos de gestão das escolas ou pelas respectivas associações de pais.

Este estudo deteve-se ainda na análise da eficácia das intervenções na perspectiva das instituições (escolas) onde foram implementadas.

É interessante constatar o elevado número de escolas que admite terem sido alcançados resultados positivos em consequência das acções de informações sobre drogas aí realizadas. De facto, 50% das escolas perceberam as intervenções como globalmente positivas; uma escola considerou a «sessão de informação sobre drogas» «fastidiosa» e as restantes admitiram a impossibilidade de determinar com rigor os efeitos originados por essas intervenções.

As escolas que referem efeitos favoráveis como resultado das intervenções aí realizadas avançam argumentos de natureza muito diversa. Na perspectiva de algumas escolas, a atribuição de efeitos positivos como resultado da implementação destas acções parece basear-se na convicção de que fornecer informações «objectivas» sobre as diferentes substâncias psicoactivas pode constituir um obstáculo ao seu consumo («desfez tabus e ideias erradas»).

A análise dos motivos invocados para justificar o «sucesso» destas intervenções, sugere ainda que, para outras escolas, a informa-

ção a transmitir será tanto mais eficaz quanto se mostrar capaz de realçar as consequências negativas associadas ao uso de álcool e outras drogas («chamou a atenção para o exagerado consumo entre os jovens»; «funcionou como alerta», etc.).

Refira-se, por fim, que estas acções foram solicitadas pelas escolas em 75% dos casos e provocadas pela própria instituição que as realizou, nas restantes situações.

Conclusões

Os dados obtidos através deste estudo, ainda que limitados às escolas secundárias do Distrito do Porto, fornecem suporte a algumas conclusões gerais.

Uma primeira constatação diz respeito à evidente popularidade que as acções de informação/ prevenção no domínio das toxicodependências parecem disfrutar junto das instituições escolares de ensino secundário. Esta popularidade deriva, não tanto dos benefícios potenciais associados a essas intervenções, mas resulta, fundamentalmente, de uma exigência social de actuação nesta área (Weisheit, 1983). Com efeito, a determinação da eficácia das estratégias desenvolvidas nas escolas abrangidas por este inquérito, obedece, largamente, a critérios subjectivos, baseados na percepção que a própria instituição detem acerca da necessidade de intervir sobre um problema social como o consumo de álcool e drogas na adolescência. A principal motivação subjacente a estas intervenções, assumiria, assim, o significado de um acto simbólico - o de que existem instituições (escolas) interessadas pelo problema e o de que algo estaria a ser feito para o solucionar. Similarmente, o «sucesso» de uma intervenção poderá significar, unicamente, que essa intervenção reúne um apoio activo da instituição onde foi implementada.

Algumas características básicas associadas às intervenções realizadas nas escolas que colaboraram neste estudo, parecem corroborar esta posição. Refira-se, em primeiro lugar, a fraca intensidade das intervenções (as quais não excederam, na maioria dos casos, um dia de duração), a par da quase completa ausência de intervenções que adoptaram procedimentos destinados a avaliar os seus efeitos e, portanto, a sua eficácia. Intimamente relacionado com este ponto regista-se que a maioria das acções efectuadas terá consistido em exposições «didácticas» sobre os aspectos farmacológicos e/ou sociais do abuso de drogas. Enquanto parece algo prematuro concluir que as abordagens baseadas no fornecimento de informações sobre drogas conduzem, necessariamente, a um aumento do seu uso, a simples disseminação de conhecimentos sobre este problema terá provavelmente, um limitado impacto (positivo ou negativo) nas atitudes e comportamentos relacionados com o consumo de substâncias psicoactivas.

No sentido de conferir uma maior credibilidade às intervenções neste domínio, poderá ser importante, no futuro, identificar as principais características que determinam a sua eficácia. Entre as questões a exigir uma maior clarificação figura, por exemplo, o tipo de estratégias a incorporar num programa de prevenção, assim como uma mais clara definição dos objectivos que a intervenção visa atingir. Uma planificação e avaliação cuidadosas poderá ainda contribuir para que se evite a replicação de erros cometidos em experiências preventivas anteriores.

REFERÊNCIAS

- Botvin, G.J., Renick, N.L. e Baker, E. (1983). The effects of scheduling format and booster sessions on a broad-spectrum psychosocial approach to smoking prevention. *Journal of Behavioral Medicine*, 6, 359-379.
- Harris, J.D., Eisenberg, N. e Carrol, J.L. (1982). Facilitation of prosocial behavior in children. In T.R. Kratochwill (Ed.), *Advances in School Psychology*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Wagner, D.I. e Zins, J.E. (1985). Health promotion in schools: Opportunities and challenges for special services providers. *Special Services in the Schools*, 1, 5-7.

Weisheit, R.A. (1983). The social context of alcohol and drug education: Implications for program evaluations. *Journal of Alcohol and Drug Education*, 29, 72-81.

Zins, E.J. e Ponti, C.R. (1985). Strategies for enhancing child and adolescent mental health. *Special Services in the Schools*, 1, 49-60.

ABSTRACT

STRATEGIES OF PREVENTION OF DRUG ABUSE IN SECONDARY SCHOOLS OF OPORTO

The purpose of this study was to evaluate the main features of preventive strategies, in the area of alcohol and drug abuse, developed in fifty high schools in the District of Oporto. The characteristics of those interventions, namely: 1) Their low intensity; 2) The lack of evaluation procedures; and 3) Their focus on knowledge dissemination, leads the author to the conclusion that the main objective of those efforts is not to change adolescent drinking and/or drug behavior but to meet a community demand or serve the professional

interests of educators. It is also suggested that, prior to a large-scale implementation of those interventions, efforts should be made to identify the characteristics of a successful substance abuse prevention program.

RÉSUMÉ

LES STRATÉGIES DE PRÉVENTION DE LA TOXICODÉPENDANCE DANS LES ÉCOLES SECONDAIRES DU PORTO

L'objectif de cette étude a été de juger les principales caractéristiques des stratégies de prévention développées à propos de l'abus de l'alcool et des drogues dans les écoles secondaires du district du Porto. D'après les caractéristiques de ces interventions, notamment, 1) sa faible intensité, 2) l'absence de procédures d'évaluation et 3) son accent sur la dissémination de connaissances à propos des drogues, on a pu conclure que l'objectif de ces efforts ne consistera pas tout à fait dans la modification du comportement de l'adolescent vis-à-vis l'ingestion de l'alcool ou des autres drogues, mais qu'il représentera plutôt une réponse à des exigences de la communauté ou à des intérêts professionnels des éducateurs. Il est suggéré, par ailleurs, qu'il serait plus aisé de déterminer quelles sont les caractéristiques associées à un programme de prévention efficace, que de mettre en oeuvre des interventions de ce type.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

- *Acta Psiquiátrica y Psicológica de América Latina*, 1987, vol. 33, n.º 1, Março.
- *Análise Psicológica*, 1987, série V, n.º 2, Abril.
- *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 1986 vol. 38, n.º 3, Junho/Setembro.
- *Apa Monitor*, 1987, vol. 18, n.º 4, Abril.
- *Apuntes de Educación*, 1987, n.º 25, Abril-Junho.
- *Apuntes de Educación — Boletim Informativo*, 1987, n.º 154, Março.

- *The British Psychological Society — Annual Report*, 1986-1987.
- *The British Psychological Society — Bulletin*, 1987, vol. 40, Março-Maio.
- *Cadernos de Consulta Psicológica — O Desenvolvimento Psicológico de Jovens*, I, 1986, vol. 2.
- *Department of Educational and Psychological Research Bulletin (Suécia)*, 1987, n.º 89, Janeiro (Educational and Psychological Interactions).
- *Futebol em Revista*, 1987, n.º 21, 4.ª série, Março.
- *Hospitalidade*, 1987, ano 51, n.º 198, Janeiro-Março.
- *La Educación — Revista Interamericana de Desarrollo Educativo*, 1986, II-II,

Ano 50, n.º 100.

- *Ludens — Universidade Técnica de Lisboa*, 1986, vol. 10, N.ºs 2, 3, Março e Abril-Setembro.
- *Notícias de Alverca*, 1987, ano IV, n.º 21, Fevereiro-Março.
- *O Médico*, 1987, vol. 116, N.º 1830-40 (semanal).
- *Padre Américo — Educar no sentido da responsabilidade*. M. Durães Barbosa (1987). Edições Salesianas. Porto.
- *Revista de Investigación Psicológica*, 1983, vol. 1, n.º zero; 1984, vol. 2, N.º 1; 1985, vol. 3, n.º 1; 1986, vol. 4, n.º 1.
- *Solidariedade*, 1987, ano II, n.ºs 13 e 14, Março-Abril.

LEITURAS

"HANDICAP MENTAL ET SOCIÉTÉ — UN DÉFI POUR L'ÉDUCATION"

Jean-Luc Lambert
Edl. Delval, Cousset
(Fribourg), 1986

A presença de deficientes mentais na nossa sociedade, implica todo um conjunto de disposições legais no que diz respeito aos seus direitos, à sua educação, à sua inserção sócio-profissional e levanta múltiplos problemas aos quais as estruturas sócio-políticas, administrativas, educacionais, em suma, toda a sociedade, deverão fazer face. A própria conceptualização da deficiência mental tem acompanhado o tipo de organização e evolução da sociedade. Também a educação, depois dos esforços dos percursores que foram Itard, Seguin, Binet e Montessori, até aos nossos dias, tem respondido de diversas formas às necessidades especiais das crianças e jovens deficientes mentais, acompanhando os grandes progressos científicos, verificados neste campo nas últimas décadas.

A presente obra, composta por 4 capítulos, vem levantar toda uma série de questões sobre a problemática da deficiência mental, descreve uma breve história dos conceitos de deficiência mental através das diferentes épocas, apresenta uma introdução detalhada no que diz respeito aos principais problemas postos pelos deficientes mentais na sociedade e à forma como esta tem respondido ao longo dos tempos aos mesmos, vindo acentuar os aspectos multidimensionais do défice mental e suas interdependência e o carácter funcional, flexível e orientado para a intervenção, que deverão ter os programas educativos para esta população.

O seu autor, é o Prof. Jean-Luc Lambert, especialista em deficiência mental, professor na Universidade de Fribourg e Director do "Centre de Recherche en Pédagogie Curative" da mesma universidade.

Autor de numerosas obras dedicadas à educação e reabilitação de deficientes mentais, J. L. Lambert, através de uma linguagem muito clara e objectiva, convida-nos a reflectir sobre algumas questões, nomeadamente: como é que a sociedade tem respondido à existência no seu seio de deficientes mentais? Como tem equacionado as suas necessidades específicas? Como poderão os responsáveis pela educação modificar o carácter tradicional das escolas e das instituições, a fim

de fornecerem uma educação individualizada e adaptada às necessidades específicas de cada criança, que comece desde o nascimento e facilite a sua integração social? Como poderão os serviços disponíveis na sociedade, articularem-se com o ensino? Qual o futuro dos indivíduos, que, por diversas razões, têm dificuldades em adaptar-se às transformações sociais?

Lambert, rejeita um conceito de deficiência mental baseado exclusivamente em critérios de Q.I. e influenciado por sistemas classificativos etiológicos-categoriais e aponta para uma conceptualização do atraso mental, mais descritiva e funcional, não assumindo implicações etiológicas e não estabelecendo afirmações de prognóstico, colocando a ênfase nas necessidades imediatas e nas estratégias que permitam alcançar essas necessidades dentro do sistema ecológico do indivíduo com atraso mental. Situa o problema numa perspectiva dinâmica e muito ampla de interacções entre o indivíduo e o seu meio ambiente. Chama a atenção para a importância da avaliação ecológica e para a estruturação de condições ambientais facilitadoras da aprendizagem. Apresenta uma análise do conceito de competência social e dos critérios que habitualmente o definem, propondo um modelo para a sua avaliação. Acentua a necessidade de programas educativos, sistematizados e individualizados, orientados para as dificuldades objectivas dos indivíduos com atraso mental, os quais poderão originar uma modificação nas expectativas em relação à sua "educabilidade", contribuir para a aprendizagem de comportamentos básicos, criar condições que facilitem a sua aceitação e integração social.

A problemática da deficiência mental é um problema da sociedade, que concerne todos nós.

Se a sociedade não está organizada de forma a acolher e a proporcionar os meios de desenvolvimento adequados aos indivíduos que nascem no seu seio, então, é necessário exigir que ela mude, que se modifiquem atitudes sócio-culturais e decisões administrativas, que se criem as estruturas indispensáveis a fim de se atingirem estes objectivos. Este é o verdadeiro desafio da educação e integração social do deficiente mental.

Para além do que foi dito, esta obra tem o mérito de fazer apelo à dimensão sócio-política da deficiência mental e abordar os problemas concretos postos pelo atraso mental.

Pois, e tal como escrevia W. Roth em 1982: "Enquanto admiramos o levantamento de voo do Concorde, não esqueçamos a terra. É entre a terra e o céu, que vivem as crianças deficientes"...

Natália Ramos

DEIXEM-ME PASSAR

Porto:
Edição da APCS,
1987, 83 pág.

Trata-se de uma publicação com carácter de divulgação e sensibilização dos pais e dos professores para o problema da sobredotação. Várias pistas educativas são apresentadas, a par de sugestões tendo em vista a identificação das crianças sobredotadas nas diferentes áreas. Algumas referências ao desenvolvimento destas crianças e à sua realização escolar estão também contempladas. Não sendo um livro de grande extensão e profundidade de análise, merece no entanto uma leitura atenta dada a falta de informação dos educadores no assunto. Na contracapa deste livro pode ler-se: "A simplicidade das ideias e da linguagem inserem-se no objectivo de divulgação. Qualquer criança, não apenas a criança sobredotada, necessita de um ambiente familiar e escolar "estimulante", cujas principais vertentes são a inteligência, a criatividade e a motivação."

Os interessados na aquisição deste livro podem contactar a APCS (R. Guerra Junqueiro, 621 — 4100 Porto), enviando 500\$00 (inclui portes de correio).

CADERNOS DE CONSULTA PSICOLÓGICA

Porto:
F.P.C.E., S.C.P.O.N.,
1986 (N.º 2)

Reunindo alguns dos trabalhos apresentados nas 2.ªs Jornadas de Consulta Psicológica organizadas pelos Serviços de Consulta Psicológica e Orientação Vocacional e do Centro de Psicologia do Comportamento Desviante (Porto: 3 a 5 de Abril de 1986), este segundo número dos Cadernos de Consulta Psicológica tem por temática geral "Desenvolvimento Psicológico de Jovens".

Trata-se de uma publicação especializada na consulta psicológica (fundamentação, metodologia e técnicas de intervenção, modelos, contextos e avaliação) estando os artigos publicados neste volume agrupados pelas seguintes rubricas: Os jovens face a si próprios, os jovens e os outros, comportamento desviante de jovens,

os jovens e a realização escolar, e metodologia. Depreende-se a diversidade de questões do desenvolvimento psicológico dos jovens aí contemplados (construção da autonomia e identidade, amizade e investimento sexual e amoroso, comportamento desviante, realização escolar, modelos de investigação). Outros aspectos, desig-

nadamente orientação vocacional e integração no mundo do trabalho, serão apresentados no próximo número a sair em 1987.

Registe-se que este segundo número se encontra distribuído por todo o país (Distribuidora CDL) e o seu preço é de 500\$00.

PROVAS ACADÉMICAS

DOCTORAMENTOS EM PSICOLOGIA

Decorreu no passado dia 6 de Março na U.E.R. de Sciences Humaines et Cliniques da Universidade de Paris VII (França) a defesa da dissertação para tese de estado do assistente da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, licenciado Francisco de Castro Carneiro.

O júri era presidido pelo Professor Roland Doron (Universidade de Paris V) e incluía o Professor Claude Prévost, igualmente de Paris V e orientador da tese do candidato, o Professor Sami Ali (Universidade de Paris VII), a Professora Nina Rausch de Traubenberg (Universidade de Paris V) e o Professor Jean Michel Petot da Universidade de Paris X.

A dissertação intitulava-se "Le test de l'arbre: une approche dynamique", que culmina um trabalho que o Dr. Francisco de Castro Carneiro vem desenvolvendo desde que abraçou a Psicologia em França, tendo nomeadamente publicado na P.U.F., em colaboração com Renée Stora (uma especialista do teste da árvore) e outros autores, um capítulo de um livro consagrado a esta prova.

A tese incluía, além da apresentação dos resultados da análise de desenhos de árvore de 72 adolescentes "normais" e de igual número de outros referenciados como "psicóticos", um método que alia a apreciação atomística dos desenhos a uma interpretação dos mesmos situando-os no contexto de uma relação terapêutica de características dinâmicas e transferências. Uma análise de casos e a recensão porventura mais completa de obras e artigos sobre o teste da árvore (em português, espanhol, italiano, francês, inglês, alemão e até japonês), constituem o restante deste trabalho que mereceu, da parte do júri, a menção de "três honorable".

Decorreram no passado dia 18 de Maio as provas de doutoramento em Psicologia, na especialidade de Psicologia Diferencial, de Anne Marie Fontaine. O trabalho, apresentado em francês, teve como título: "Motivation pour la réussite scolaire. Processus de formation chez les adolescents en fonction de leur groupe social d'appartenance". A tese, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (U.P.), teve como arguentes o Prof. Doutor P. Roubertoux (Univ. René Descartes, ou Paris V) e o Prof. Doutor Joaquim Bairão (Univ. do Porto). O júri, presidido pelo Vice-Reitor Prof. Doutor Cândido dos Santos, incluiu ainda os Prof. Doutores Custódio Rodrigues e Maria Isolina Borges (Univ. do Porto) e António Simões (Univ. de Coimbra). No final a candidata foi aprovada com "distinção e louvor" por unanimidade.

O RACIOCÍNIO DIFERENCIAL: ESTUDO JUNTO DOS ESTUDANTES PORTUGUESES DO ENSINO SECUNDÁRIO

Sobre este assunto, decorreram a 27 de Abril na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, as provas de doutoramento de Leandro da Silva Almeida. Foram arguentes o Prof. Doutor Bartolo Paiva Campos (orientador da tese) e a Prof. Doutora Maria José Miranda, tendo ambos reconhecido as qualidades científicas do candidato e do trabalho apresentado para doutoramento (o júri foi presidido pelo Vice-Reitor da Universidade do Porto, Prof. Doutor Cândido dos Santos e pelos Prof.s Doutores Maria Isolina Borges, Cândido Agra e Joaquim Bairão). A par da discussão sobre a utilidade teórico-prática da tradicional separação entre factor geral e aptidões específicas no domínio da inte-

ligência e a sua conciliação na análise dos resultados nos testes de raciocínio diferencial, este trabalho permitiu ainda uma análise das principais relações entre a realização cognitiva dos alunos e os seus grupos de pertença (idade, ano e opção escolar, sexo, classe social e meio). Refira-se que a tese inclui, ainda, a construção e aferição nacional da Bateria de Provas de Raciocínio Diferencial para esta população estudantil. Trata-se de mais um instrumento de avaliação psicológica a acrescentar ao reduzido número de testes convenientemente estudados na população portuguesa, e que sabemos estar a ser utilizado já um pouco por todo o país e em diferentes contextos da prática psicológica. No final o candidato foi aprovado com "distinção e louvor" por unanimidade.

Os leitores do Jornal de Psicologia conhecerão certamente os trabalhos que o Doutor Leandro Almeida tem vindo a realizar dado tratar-se de um dos colaboradores assíduos deste Jornal, que aliás dirigiu em anos anteriores. É neste contexto que o Jornal de Psicologia o felicita e formula os votos de novos contributos para a Psicologia Portuguesa.

OUTRAS PROVAS

Realizaram-se a 9 de Março passado, na Faculdade de Psicologia de Lisboa, as provas de aptidão pedagógica e capacidade científica do Licenciado José Manuel Palma de Oliveira. O júri constituído pelos Professores Doutores Danilo Silva, Ferreira Marques e Pina Prata atribui ao candidato a classificação de Muito Bom.

A prova de síntese intitulava-se "Estimação das distâncias e conflito intergrupais: uma experiência natural" e a aula prática versou o tema "Psicologia Social do meio Ambiente".

VÁRIA

**HOMENAGEM
AO PROF. DOUTOR
JOSÉ HENRIQUE
FERREIRA MARQUES
DA FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DE LISBOA**

Por iniciativa do Conselho Científico da Faculdade de Psicologia e de C. da Educação de Lisboa, realizou-se no dia 12 de Março último um jantar de homenagem ao Prof. Doutor Ferreira Marques, um dos principais impulsionadores da criação das faculdades de psicologia em Portugal, e que durante os últimos dez anos tem estado à frente dos destinos da F.P.C.E. de Lisboa como Presidente da Comissão Instaladora e do Conselho Directivo.

Na homenagem, em que compareceu o Vice-Reitor da Universidade de Lisboa, Prof.ª Doutora Maria José Miranda, o corpo docente presente na sua totalidade, aproveitou a oportunidade para demonstrar o seu reconhecimento pelo dedicado trabalho realizado antes e depois da criação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação de Lisboa — cujo 10.º aniversário foi comemorado recentemente — principalmente agora que o projecto definitivo das novas instalações da faculdade, na cidade universitária, já se encontra concluído.

**INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA
DO DESENVOLVIMENTO — UM
NOVO LIVRO DAS EDIÇÕES
JORNAL DE PSICOLOGIA**

Mais um título com a chancela editorial do Jornal de Psicologia vem a lume, desta vez da autoria de Maria Isolina Borges, professora associada da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto e co-directora do Centro de Psicologia do Desenvolvimento e Educação da Criança sediado naquele estabelecimento de ensino.

O livro pretende constituir-se como um pequeno manual de introdução à área da psicologia do desenvolvimento, à qual aliás a autora tem consagrado a sua carreira académica, abordando os modelos teóricos numa perspectiva integradora procurando assim fornecer ao leitor, mais ou menos versado nestas lides, uma ideia conjuntural do que é o desenvolvimento infantil, sem todavia perder de vista aquilo que cada escola tem de próprio e inovador.

Na cerimónia de lançamento, que decorreu nas instalações da Fundação Eng.º António de Almeida (co-financiadora deste projecto e a quem o Jornal de Psicologia mais uma vez agradece pelos apoios renovadamente concedidos), depois da sessão de autógrafos e de um porto de honra, houve uma pequena palestra onde aludiram à figura da autora e à obra

em questão, o Dr. Rui Mota Cardoso (figura destacada do meio psiquiátrico português), uma representante da Fundação e o Dr. Rui Abrunhosa Gonçalves, director do Jornal de Psicologia.

Os assinantes e leitores do Jornal de Psicologia poderão adquirir esta obra ao preço de 750\$00 + 100\$00 (para portes e envio) solicitando-a directamente para o J.P. (ver anúncio), visto que a mesma não será posta à venda nos circuitos comerciais habituais.

Estamos certos que, tal como nos casos anteriores, aqueles que em nós acreditam (e são muitos) não ficarão defraudados na sua expectativa e lerão com agrado o livro ora editado. Outros se seguirão.

**PRÉMIO FACULDADE
DE PSICOLOGIA
UNIVERSIDADE DO PORTO**

Conforme informações recolhidas, o Prémio da Faculdade de Psicologia, Universidade do Porto, foi aumentado para 500 contos. O prazo de entrega dos trabalhos para este ano termina a 31 de Julho. Procurou-se com este aumento substancial do montante do prémio incentivar a participação dos investigadores nacionais ou, por outras palavras, promover a investigação nos domínios da Psicologia que não a realizada estritamente no quadro das provas académicas.

CALENDÁRIO

NACIONAL

- II JORNADAS DE SAÚDE MENTAL DO ALGARVE** — Aldeia das Açoteias, 1 a 4 de Outubro de 1987 — Informações: II Jornadas de Saúde Mental do Algarve. Apartado 458 — 8000 Faro.
- III ENCONTRO PORTUGUÊS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL — APPIA — (ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL)** — 7-9 Outubro de 1987 — Informações: Universidade do Minho
- CONGRESSO NACIONAL DO STRESS** — Coimbra, 5 a 7 de Novembro de 1987 — Informações: António Luís Monteiro. Clínica Psiquiátrica dos Hospitais da Universidade. 3049 Coimbra Codex.
- II CONGRESSO NACIONAL DE SEXOLOGIA** — Coimbra, 25 a 28 de Novembro de 1987 — Informações: António Luís Monteiro. Clínica Psiquiátrica dos Hospitais da Universidade. 3049 Coimbra Codex
- I CONFERÊNCIA NACIONAL DOS PSICÓLOGOS PORTUGUESES: UNIDADE DA PSICOLOGIA, ESTATUTO DO PSICÓLOGO E ESTATUTOS DAS ESPECIALIDADES PROFISSIONAIS** — Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 21 a 23 de Dezembro, 1987 — Secretariado: Comissão Organizadora I CNPP, Sindicato Nacional dos Psicólogos, R. Ferreira Lapa, 2-B, 3.º Dt.º — 1100 Lisboa
- I CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE CONSULTA PSICOLÓGICA (CONSULTA PSICOLÓGICA E DESENVOLVIMENTO HUMANO)** — Porto, 11-15 de Julho de 1988 — Informações: Serviço de Consulta Psicológica e de Orientação Vocacional. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação U.P. — R. das Taipas, 76, 4000 Porto.

INTERNACIONAL

- XII INTERNATIONAL RORSCHACH CONGRESS** — Guarujá, São Paulo, Brasil, 13-17 de Julho de 1987 — Línguas: Inglês, Francês, Espanhol e Português — Informações: Prof.ª Latife Yazigi, Departamento de Psiquiatria, Escola Paulista de Medicina, R. Botucatu 740, S. Paulo SP-CEP 04023 — Brasil
- I INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON MANAGEMENT OF PAIN, STRESS, FEAR AND ANXIETY** — Israel, 19 a 24 de Julho de 1987 — Informações: ORTRA, Ltd, 2 Kaufman Street, Tel Aviv 61500 Estado de Israel.
- V WORLD CONGRESS ON PAIN** — Hamburg, 2 a 7 de Agosto de 1987 — Informações: IASP Secretariat, 909 NE 43rd St., Room 204 Seattle, WA 98105-6020, E.U.A.
- SECOND INTERNATIONAL CONFERENCE ON PRACTICAL ASPECTS OF MEMORY** — Swansea, Inglaterra, 3 a 7 de Agosto de 1987 — Informações: Michael Gruneberg, Department of Psychology, University College of Swansea, Singleton Park, Swansea SA2 8PP, Inglaterra
- 10th INTERNATIONAL COLLOQUIUM OF SCHOOL PSYCHOLOGY** — Interlaken (Suíça), 9-13 de Agosto de 1987 — Informações: The 10th ISPA-Colloquium, Mr. Ruedi Zogg, Châtillon, CH-2515 Prêles — Switzerland
- ICP'S 45th ANNUAL CONVENTION (Quality of life: A challenge for modern psychology)** — Sheraton Centre, New York, 23-26 de Agosto de 1987 — Informações: Secretariado ICP, 4805 Regent Street, Madison, WI 53705, U.S.A.
- XXIX INTERNATIONAL CONGRESS OF PSYCHOLOGY** — Sydney, Austrália, 28 de Agosto a 2 de Setembro de 1987 — Informações: Conference Secretariat, GPO Box 2609, Sydney, NSW — Austrália 2001.
- THE SECOND CONFERENCE OF ESCP (EUROPEAN SOCIETY FOR COGNITIVE PSYCHOLOGY)** — Madrid, 7 a 11 de Setembro de 1987 — Informações: Dr. M. V. Sebastian, Department of Experimental Psychology, Facultad de Psicología, Campos de Somosaguas, 28023 Madrid, Espanha.
- COGNITIVE PSYCHOLOGY SECTION — FOURTH ANNUAL CONFERENCE** — Cambridge, 11 a 13 de Setembro de 1987 — Informações: Dr. John Richardson, Department of Human Sciences, Brunel University, Uxbridge, Middlesex UB8 3PH.
- II EUROPEAN CONFERENCE FOR RESEARCH ON LEARNING AND INSTRUCTION** — Tübingen (R. F. Alemanha), 19-22 de Setembro de 1987 — Informações: Heinz Handl Deutsches Institut Für Fernstudien an der universität, Tübingen, Arbeitsbereich Lernforschung, Bei Der Fruchtschranne, 6, D — 7400. Tübingen, R. F. A.
- II CONGRESSO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA** — Madrid, 22-25 de Setembro de 1987 — Informações: Dr. Victor Rubio, Secretaria Esecutiva, Departamento de Psicologia, Universidade Autónoma de Madrid, Canto Blanco, 28039 Madrid — Espanha
- VII CONGRESSO DA SOCIEDADE EUROPEIA DE PSIQUIATRIA INFANTIL E DA ADOLESCÊNCIA** — Bulgária, 22 a 27 de Setembro de 1987 — Informações: Dr. Chr. Cristozov, Medical Academy, Department of Psychiatry, 1431, Sofia, Bulgária.
- IV CONGRESSO MEXICANO DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO** — Puebla, 5 a 7 de Outubro de 1987 — Informações: ENEP — Iztacala Héctor Martínez, 565-22-33. Unam, Facultad de Psicología, Vicente García, México.
- SYMPOSIUM OU AFFECT AND EMOTION** — Áustria, 8 a 10 de Outubro de 1987 — Informações: Dr. Eberlhard Gabriel, Psychiatrische Universitätsklinik, Wahringer Gürtel, 74, A — 1090 Wien, Áustria.
- WORLD CONGRESS, WORLD FEDERATION FOR MENTAL HEALTH** — Egipto, 19 a 24 de Outubro de 1987 — Informações: 1987 Cairo Congress ou Mental Health, P. O. Box 8180, NASR City, Cairo, Egipto.
- SIMPOSIO DE DIAGNÓSTICO PSIQUIÁTRICO** — Bilbao, 20 a 23 de Outubro de 1987 — Informações: Juan Mezzich, Dep. of Psychiatry, Univ. of Pittsburgh, 3811 O'Hara, St. Pittsburgh PA 15213, E.U.A.
- CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA DA EXPRESSÃO** — Rio de Janeiro, Setembro de 1988 — Informações: Dr. A. Hoirisch, Av. Angélica, 916. C. J. 1005, 01228. São Paulo, Brasil.

1.ª CONFERÊNCIA NACIONAL DOS PSICÓLOGOS PORTUGUESES

Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
(21 a 23 de Dezembro 1987)

- ☆ Unidade da Psicologia
- ☆ Estatuto do Psicólogo
- ☆ Estatutos das Especialidades Profissionais em Psicologia

Ciclo de colóquios preparatórios em
Lisboa, Porto, Coimbra e Beja (de Setembro a Novembro)

Informações: Sindicato Nacional dos Psicólogos, Rua Ferreira Lapa, 2-B,
3.º Dt.º — 1100 LISBOA (Tel. 533496)

